

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Bianca Agrelli Rodrigues

Advérbios em *-mente* no português brasileiro: uma análise baseada na Morfologia
Distribuída

Juiz de Fora
2024

Bianca Agrelli Rodrigues

Advérbios em *-mente* no português brasileiro: uma análise baseada na Morfologia
Distribuída

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Agrelli Rodrigues , Bianca .
Advérbios em -mente no português brasileiro: uma análise baseada na Morfologia Distribuída / Bianca Agrelli Rodrigues . -- 2024.
99 f. : il.

Orientadora: Paula Roberta Gabbai Armelin
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Advérbios . 2. Morfologia Distribuída. 3. Estatuto categorial. I. Gabbai Armelin, Paula Roberta, orient. II. Título.

Bianca Agreli Rodrigues

Advérbios em *-mente* no português brasileiro: uma análise baseada na Morfologia
Distribuída

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em 22 de fevereiro de 2024.

Profª. Drª. Maria Cristina Lobo Name
Universidade Federal de Juiz de Fora - Presidente

Profª. Drª. Ana Paula Scher
Universidade Federal de Juiz de Fora/
Universidade de São Paulo

Profª. Drª. Janayna Maria da Rocha Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Lobo Name, Professor(a)**, em 22/02/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Scher, Usuário Externo**, em 23/02/2024, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janayna Maria da Rocha Carvalho, Usuário Externo**, em 23/02/2024, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1686644** e o código CRC **BE701C06**.

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu avô, *in memoriam*, que estiveram ao meu lado durante toda essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e ao meu protetor e protetor dos estudantes, Menino Jesus de Praga. Também agradeço aos meus pais e minha avó, que estiveram ao meu lado durante toda essa jornada, sempre me apoiando nos momentos mais difíceis. Agradeço em especial a minha mãe, que teve um papel fundamental na minha educação, desde o início quando me ensinou a ler e estimulou o meu interesse pela área da educação.

Expresso também a minha total gratidão à excepcional orientadora, Dr^a. Paula Armelin, que esteve ao meu lado durante todos os momentos, muitas vezes dando conselhos e me acolhendo com um carinho maternal. Obrigada por suas palavras, sua paciência, sua ética, sua dedicação e sua constante presença, sobretudo, agradeço por despertar em mim o prazer pela pesquisa. Sem sua ajuda, Paula, essa trajetória com certeza não seria possível.

As professoras, Dr^a. Ana Paula Scher e Dr^a. Janayna Carvalho, que compõem a banca examinadora, na condição de membros titulares, pela disponibilidade e pelas contribuições que certamente auxiliaram muito o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos, em especial aos do núcleo InTeGra, Karol, Lydsson e Dalila, que me acompanharam por todos os congressos e dificuldades e que sempre estiveram lá para apoiar, trocar ideias sobre o trabalho e garantir muitas risadas.

Aproveito também para agradecer ao carinho e apoio do meu companheiro, Gustavo, que me incentivou a seguir a carreira acadêmica e se fez presente em todos os momentos áridos dessa jornada, sempre me encorajando a buscar a minha melhor versão.

Por fim, agradeço às agências de fomento que possibilitaram que eu me dedicasse de maneira integral a esta pesquisa com o seu apoio, a UFJF e a CAPES.

RESUMO

Este trabalho investiga a estrutura interna de formações adverbiais em *-mente* do português brasileiro (PB). Para tanto, nos ancoramos no modelo teórico da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, tomando como ponto de partida a ideia de que a categoria não é um componente lexical definido previamente, mas resultado da combinação de núcleos funcionais e raízes no componente gerativo sintático. Os advérbios são alvo de constante debate na literatura e, portanto, os autores se diferem em sua visão a respeito de como definir essa classe de palavras. Assim, os advérbios são frequentemente apontados na literatura como subclasse de outras categorias, como das preposições (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999), dos pronomes (BOMFIM, 1988) ou dos adjetivos (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007; LOBATO, 2008), por exemplo. Contudo, sob a argumentação de que os advérbios apresentam um comportamento morfossintático próprio que os distancia das outras categorias, alguns autores (JACKENDOFF, 1977; PAYNE et. Al., 2010) propõem que tais elementos se constituem como uma classe categorial própria e independente. Inserindo-se nesse cenário controverso, esta pesquisa revisita o debate acerca da natureza categorial dos advérbios em *-mente*, buscando investigar qual é a sequência mínima de núcleos funcionais, bem como os traços formais necessários e suficientes para que um advérbio seja sintaticamente formado. No PB, os adverbiais em *-mente* se configuram por incluir na sua estrutura interna um adjetivo no gênero feminino. Considerando as características morfossintáticas dessas formações, propomos que o formador *-mente* é resultado do processo de gramaticalização (ROBERTS e ROUSSOU, 1999; HOPPER e TRAUGOTT, 2003) de um substantivo que se converteu em um categorizador sintático adverbial (um *adv*, nos moldes da MD). Além disso, propomos que esse categorizador ainda preserva algumas propriedades da sua origem lexical, notadamente os traços valorados de gênero (feminino) e número (singular), os quais compartilha com o adjetivo ao qual se concatena. Desse modo, *-mente* apresenta simultaneamente características nominais e adverbiais, configurando-se como uma categoria mista (ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005).

Palavras- chave: Advérbios. Categoria. Categorização. Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

This work investigates the internal structure of adverbial forms in *-mente* in Brazilian Portuguese (BP). The theoretical model assumed in this investigation is the Distributed Morphology framework (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), henceforth DM, as we are aligned with the idea that category is not a previously defined lexical information, but the result of the combination of functional heads and roots in the syntactic generative component. Adverbs are subject of constant debate in literature and authors differ in their views on how to define this class of words. Thus, adverbs are often analyzed in the literature as a subclass of other categories, such as prepositions (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999), pronouns (BOMFIM, 1988) or adjectives (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007; LOBATO, 2008), for example. However, under the argument that adverbs present morphosyntactic properties that distances them from other categories, some authors (JACKENDOFF, 1977; PAYNE ET. AL, 2010) propose that such elements constitute their own independent categorial class. Inserted within this controversial scenario, this research revisits the debate about the categorial nature of adverbs in *-mente*, seeking to investigate what is the minimum sequence of functional heads, as well as the necessary and sufficient formal features for an adverb to be syntactically formed. In BP, adverbials in *-mente* are characterized by including a feminine adjective in their internal structure. Considering the morphosyntactic behavior of these formations, we propose that the *-mente* formative is the result of a grammaticalization process (ROBERTS and ROUSSOU, 1999; HOPPER and TRAUGOTT, 2003) of a noun that became an adverbial syntactic categorizer (an *adv*, in DM terms). We also propose that this categorizer still preserves some properties of its lexical origin, notably valued features of gender (feminine) and number (singular), which it shares with the adjective to which it is concatenated in syntax. In this way, *-mente* simultaneously presents nominal and adverbial characteristics, configuring itself as a mixed category (ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS and GROHMANN, 2005).

Keywords: Adverbs. Category. Categorization. Distributed Morphology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1- Arquitetura da gramática da MD | 19 |
|---|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Representação de traços que definem as categorias lexicais segundo (CHOMSKY, 1981) | 16 |
| Tabela 2 - Principais diferenças entre composição e derivação..... | 43 |
| Tabela 3 - Semelhanças entre <i>-mente</i> e a composição | 46 |
| Tabela 4 - Características dos compostos estendidas a <i>-mente</i> | 50 |
| Tabela 5 - Características de elementos derivacionais estendidas a <i>-mente</i> | 53 |
| Tabela 6 - O comportamento de <i>-mente</i> entre as principais diferenças entre composição e derivação | 68 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA | 12 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1.1. O OBJETO DE ESTUDO E AS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE NA LITERATURA..... | 14 |
| 1.2. QUADRO TEÓRICO: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA | 18 |
| 1.3. QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES LEVANTADAS | 21 |
| CAPÍTULO 2: O ESTATUTO CATEGORIAL DOS ADVÉRBIOS NA LITERATURA | 23 |
| 2.1. ADVÉRBIOS E PREPOSIÇÕES..... | 24 |
| 2.2. ADVÉRBIOS E PRONOMES | 28 |
| 2.3. ADVÉRBIOS E ADJETIVOS | 31 |
| 2.4. ADVÉRBIOS COMO CATEGORIA INDEPENDENTE..... | 35 |
| 2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO..... | 39 |
| CAPÍTULO 3: ADVÉRBIOS EM -MENTE E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS..... | 41 |
| 3.1. COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO: PROPRIEDADES E FRONTEIRAS..... | 42 |
| 3.2. ADVÉRBIOS EM -MENTE COMO COMPOSTOS | 47 |
| 3.3. ADVÉRBIOS EM -MENTE COMO DERIVAÇÃO..... | 50 |
| 3.4. O FORMADOR -MENTE COMO AFIJO SINTAGMÁTICO | 53 |
| 3.5. O FORMADOR -MENTE COMO CATEGORIZADOR..... | 56 |
| 3.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO..... | 60 |
| CAPÍTULO 4: UMA PROPOSTA INICIAL DE ANÁLISE PARA OS ADVÉRBIOS EM -MENTE | 62 |
| 4.1. REVISITANDO A DISCUSSÃO CATEGORIAL: EM FAVOR DOS ADVÉRBIOS EM -MENTE COMO CLASSE INDEPENDENTE..... | 64 |
| 4.2. REVISITANDO A DISCUSSÃO SOBRE O ESTATUTO DE -MENTE: EM FAVOR DE UM CATEGORIZADOR ADVERBIAL..... | 67 |
| 4.3. NOSSA PROPOSTA PARA AS FORMAÇÕES EM -MENTE | 71 |
| 4.3.1. A NOÇÃO DE FASE NO DOMÍNIO DA PALAVRA | 74 |
| 4.3.2. TRAÇOS INTERPRETÁVEIS E NÃO INTERPRETÁVEIS..... | 78 |
| 4.4 AS CATEGORIAS MISTAS: UMA VISÃO GERAL | 80 |
| 4.5. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO NOS ADVÉRBIOS EM -MENTE DO LATIM AO PB | 84 |
| 4.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO..... | 89 |

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 94 |

CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

A percepção de que as palavras de uma língua podem ser agrupadas em diferentes classes remonta uma longa tradição nos estudos da linguagem. Nascida na tradição grega e filtrada pela visão dos romanos, a divisão nas chamadas “partes do discurso” é uma importante contribuição para o pensamento linguístico, influenciando grande parte da visão que se tem, ainda hoje, sobre a linguagem. Dionísio da Trácia, por exemplo, em meados do século II a.C na Grécia Antiga, considerava haver no discurso oito classes de palavras, a saber: nome, verbo, conjunção, artigo, preposição, pronome, advérbio e particípio. Dionísio da Trácia identificou características regulares dos advérbios, como sua invariabilidade morfológica e o fato de se concatenarem rotineiramente a verbos com função modificadora desses. Foi utilizando esses fundamentos que as gramáticas tradicionais designaram os advérbios como classe de palavra, definindo-os, em linhas gerais, como palavras invariáveis que modificam verbos, adjetivos e advérbios, além de apresentarem cunho semântico de modo, afirmação, dúvida, intensidade, lugar, tempo, entre outros (BECHARA, 2004; LIMA, 2008). Logo, de acordo com a gramática tradicional, essa classe de palavras pode abarcar diversos elementos, como advérbios locativos (aqui, lá), advérbios temporais (hoje, cedo, amanhã), advérbios modais (infelizmente, claramente), entre muitos outros.

Podemos considerar, portanto, que os advérbios constituem uma classe de palavras bastante heterogênea e complexa, não possuindo uma clara regularidade morfossintática e semântica. Desse modo, os advérbios são vistos com uma categoria heterogênea e sujeita a muito debate na literatura, por abarcarem formações com estrutura interna variada (ALEXIADOU, 1997; ADGER, 2004; CINQUE, 1999; RADFORD, 1988, entre outros).

Diante dessa heterogeneidade, pode-se dizer que os chamados advérbios de modo possuem alguma regularidade morfológica, uma vez que são formados, no PB, através da terminação *-mente*. Translinguisticamente, inclusive, várias outras línguas além do PB apresentam uma terminação com função semelhante dentre suas peças gramaticais: *-mente* (advindo do substantivo *-mens*), no latim; *-mente*, no espanhol; *-ment*, no francês; *-ly*, no inglês e *-weise*, no alemão, por exemplo. Em decorrência dessa regularidade morfológica, o recorte desta pesquisa toma como objeto de estudo as formações em *-mente* no PB.

Para tanto, ao longo deste trabalho revisitamos dois pontos fundamentais: i) o estatuto categorial dos advérbios e ii) a estrutura interna das formações em *-mente*. Em relação à

categoria, na literatura que se debruçou sobre essa questão, os advérbios são frequentemente analisados como uma subclasse de outras categorias, tais como de adjetivos (LOBATO, 2005, 2008; BASÍLIO, 2007), de preposições (LEMLE, 1984) e de pronomes (BOMFIM, 1988). Por um lado, a ideia de que advérbios e adjetivos são modificadores licenciados em domínios complementares serviu de base para a proposta de que tais categorias são, na verdade, variantes contextuais de uma única categoria. Por outro lado, a observação de que advérbios e preposições compartilham uma quantidade significativa de propriedades sustentou a hipótese de que os advérbios deveriam ser assimilados à classe das preposições. Além disso, é possível encontrar também na literatura análises que, a partir das propriedades nominais e dêiticas apresentadas por parte dos advérbios, propõem uma similaridade entre elementos dessa categoria e os pronomes. Porém, sob o argumento de que os advérbios possuem uma base conceitual própria e independente, bem como um comportamento morfossintático que os distancia de outras categorias, a ideia de que os advérbios devem ser tratados como uma categoria independente também é encontrada na literatura (JACKENDOFF, 1972; PAYNE et al., 2010). Essa diversidade de análises é fruto, na nossa concepção, da heterogeneidade de elementos comumente classificados como advérbios.

Mais especificamente em relação às formações em *-mente*, para além das discussões sobre o estatuto categorial, também é tema de debate na literatura qual seria a estrutura interna desses elementos, a partir da discussão a respeito do processo de formação de palavras responsável por gerar esses adverbiais. Nesse contexto, revisitamos as análises que tratam os advérbios em *-mente* como um processo de composição (ZAGONA, 1990), derivação (PIERA e VARELA, 1999) ou ainda os derivam na sintaxe através da anexação de *-mente* à projeção máxima do adjetivo (TORNER, 2005). Ancorados no modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997), doravante MD, em que a formação de palavras ocorre no componente gerativo da sintaxe, tais discussões nos interessam não como uma caracterização do processo propriamente, composição ou derivação, mas como uma caracterização das propriedades empíricas que precisam ser explicadas a partir da estrutura sintática que propomos para as formações em *-mente*.

Assumindo, então, a MD como perspectiva teórica, nosso ponto de partida é a ideia de que a categoria de uma palavra não é previamente definida no léxico, mas resultado da concatenação de raízes e núcleos funcionais na estrutura sintática. A partir dessa perspectiva, propomos que os advérbios em *-mente* são instâncias de uma categoria única e independente e que o formador *-mente* deve ser, então, analisado como a realização fonológica do categorizador adverbial. Dessa forma, é possível capturar as propriedades comumente descritas

pela literatura que trata as formações adverbiais em *-mente* com um processo derivacional. Por outro lado, propomos que as propriedades empíricas que relacionam tais formações ao processo de composição podem ser derivadas a partir das propriedades da própria estrutura sintática, a saber, da altura de anexação de *-mente* na estrutura e da ideia de fases no interior das palavras (MARANTZ, 2001; MARANTZ, 2007; EMBICK 2010). Finalmente, outros aspectos considerados peculiares nas formações em *-mente*, como a exigência de um adjetivo no feminino, são explicadas a partir da ideia de que o afixo *-mente* sofreu um processo de gramaticalização (ROBERTS e ROUSSOU, 1999; HOPPER e TRAUGOTT, 2003) e ainda preserva algumas propriedades da sua origem lexical nominal, notadamente traços valorados de gênero (feminino) e número (singular), com os quais o adjetivo de base faz concordância.

Para implementar essa proposta, este trabalho se divide em mais quatro capítulos, além deste Capítulo 1 introdutório, em que apresentamos um panorama geral da pesquisa. No Capítulo 2, revisitamos as discussões a respeito do estatuto categorial dos advérbios; no Capítulo 3, colocamos em discussão algumas das análises existentes na literatura a respeito do processo de formação de palavras envolvido nas formações em *-mente*; no Capítulo 4, apresentamos nossa proposta de análise para os advérbios em *-mente* no PB e no Capítulo 5, por sua vez, trazemos nossas considerações finais e as perspectivas futuras que esta pesquisa desperta.

1.1. O OBJETO DE ESTUDO E AS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE NA LITERATURA

Elemento constitutivo das gramáticas contemporâneas, a classe dos advérbios é comumente definida como uma classe de palavras invariável, que essencialmente modifica um verbo, adjetivo, advérbio ou até mesmo uma sentença (CUNHA e CINTRA, 2001). Contudo, tal definição não parece ser suficiente uma vez que, como apontado por diversos estudiosos, como Macambira (2001), por exemplo, que a partir de uma perspectiva estruturalista, aponta os advérbios podem modificar diferentes classes gramaticais, como pronomes¹ (1a-b), numerais (1c), preposições (1d), conjunções (1e) e até mesmo substantivos (1f). Os dados abaixo ilustram essa questão (Macambira, 2001, p. 42- 45):

¹ Ressaltamos que os dados em (1), retirados de Macambira (2001), podem apresentar uma análise divergente da proposta inicial do autor. Tal fato, pode ser visto nos dados em 1(a-b), nos quais os advérbios podem modificar os quantificadores ao invés dos pronomes, o mesmo ocorre em (1c-f), em que as preposições modificam o DP e não o numeral, por fim em (1e) pontuamos que o termo '*antes*', que é classificado pelo autor como preposição, seria melhor enquadrado na classe adverbial.

- (1) a. O guia da excursão já nos esclareceu quase tudo.
 b. Isso aqui é fácil.
 c. O caderno tem exatamente sessenta folhas.
 d. O pássaro voava exatamente sobre a cabeça do adormecido.
 e. Fechou a porta pouco antes que o ladrão viesse.
 f. Meu amigo aqui formou-se em Roma.

Também em uma perspectiva linguística estruturalista, Câmara Jr. (1970) ao discutir a classificação dos vocábulos formais propõe que tais elementos se dividem a partir de diferentes critérios: o semântico, o mórfico e o funcional, tal como delineado abaixo (p.77):

Há, em princípio, três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença.

A partir da associação desses critérios, o autor sistematiza a classificação dos vocábulos em nomes, verbos e pronomes (CÂMARA JR., 1970, p.79):

| | |
|---------|--|
| Nome | Substantivo (termo determinado ²). Adjetivo (termo determinante de outro nome) Advérbio (termo determinante de um verbo) |
| Verbo | |
| Pronome | Substantivo (termo determinado) Adjetivo (termo determinante de um nome) Advérbio (termo determinante de um verbo) |

A respeito especificamente dos advérbios, o autor entende que tais elementos podem apresentar natureza nominal ou pronominal, servindo de determinante a um verbo. Entre os elementos do primeiro tipo estariam formas nominais, como “ontem” e “agora”, por exemplo, além de formas adjetivais, incluindo aquelas com a anexação de *-mente*. Por outro lado, entre os elementos do segundo tipo incluem-se como “aqui” e “lá”, por exemplo. O autor reconhece,

²Na terminologia adotada pelo autor a noção de termo “determinado” parece se referir ao núcleo da expressão linguística, enquanto o termo “determinante” se refere a uma espécie de modificador.

no entanto, que há certa dificuldade em delimitar a classe dos advérbios, visto que a mobilidade semântica dessas palavras pode resultar em uma mudança de significado.

Com o desenvolvimento das teorias formais de gramática, tal como a tradição de Princípios e Parâmetros, a noção de categoria lexical não atinge grandes avanços em termos explicativos. Em Chomsky (1981, p.48), por exemplo, as categorias lexicais são caracterizadas pela distribuição de traços $[\pm N]$ e $[\pm V]$, resultando no seguinte sistema:

Tabela 1- Representação de traços que definem as categorias lexicais segundo Chomsky (1981)

| TRAÇO [N] | TRAÇO [V] | CATEGORIA |
|-----------|-----------|------------|
| [+N] | [-V] | Nome |
| [-N] | [+V] | Verbo |
| [+N] | [+V] | Adjetivo |
| [-N] | [-V] | Preposição |

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Observando as categorias lexicais propostas por Chomsky (1981), fica evidente que os advérbios não são definidos como uma categoria lexical independente. Contudo, é importante ressaltar que o próprio autor assume a possibilidade de haver traços secundários para distinguir adjetivos e advérbios. Essa proposta serviu como base para alguns autores assumirem que, na verdade, os advérbios nada mais seriam do que uma subclasse de outras categorias como a dos adjetivos (BAKER, 2003, BASÍLIO, 2007) ou das preposições (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999), por exemplo. Outra linha de análise que se destaca com relação ao estatuto categorial dos advérbios é fundada a partir de Jackendoff (1972), por exemplo, que defende a necessidade de categorias distintas para advérbios e adjetivos. Nessa linha de análise, na proposta de Payne et al. (2010), os advérbios são definidos como uma categoria conceitualmente distinta dos adjetivos.

Especificamente a partir da relação entre adjetivos e advérbios no PB, propostas como a de Basílio (2007), por exemplo, baseiam suas análises na existência de um fenômeno de Conversão Morfológica³, que se caracteriza por um processo derivacional no qual um item assume uma nova categoria sem, no entanto, qualquer alteração morfofonológica. Assim,

³ Para uma discussão mais aprofundada sobre os AAs, indicamos a proposta de Leung (2007) que propõe que os tais elementos são, de fato, adjetivos que modificam um nome implícito na sentença, afastando-se da ideia mais tradicional de Conversão Morfológica.

adjetivos poderiam se converter em advérbios, resultando em formações de Adjetivos Adverbializados, doravante AAs, como em (2b) abaixo:

- (2) a. O aluno *rápido* terminou a prova.
b. O aluno chegou *rápido*.

É interessante ressaltar que nossa pesquisa se afasta das análises baseadas na ideia de Conversão Morfológica, uma vez que compreendemos a categoria como um fenômeno estritamente sintático, ou seja, a categoria é fruto da combinação de núcleos na sintaxe e não resultado de uma operação lexical. Além disso, a natureza e os limites dessa operação lexical que modifica a categoria dos elementos não são explicitamente formulados, de modo que tal fenômeno não apresenta poder explicativo. Finalmente, uma análise em termos de conversão carece ainda de uma definição de qual seria o estatuto do formador *-mente* anexado à forma convertida.

As questões a respeito da natureza categorial dos advérbios são sistematizadas no Capítulo 2 deste trabalho. Na nossa análise, mais especificamente, evidenciamos algumas problemáticas que surgem a partir do tratamento dos advérbios em *-mente* como subclasse de outras categorias e propomos, então, que as formações adverbiais em *-mente* são instâncias de uma classe independente.

Por sua vez, buscando investigar a estrutura interna dos advérbios em *-mente*, bem como o estatuto desse formador, algumas correntes classificam o *-mente* como uma palavra independente e, portanto, como parte de um processo composição (ZAGONA, 1999), enquanto outros autores propõem que *-mente* deve ser analisado com um afixo derivacional (PIERA; VARELA, 1999). Buscando conciliar os argumentos contraditórios que sustentam as duas visões anteriores, Torner (2005) sugere que o processo de afixação do sufixo *-mente* seria, na verdade, resultado da anexação de um afixo derivacional na sintaxe.

Essas questões serão explicitadas e discutidas de maneira mais precisa no Capítulo 3 deste trabalho. A nossa proposta a respeito dessa discussão é que, em termos formais, o comportamento de *-mente* na formação de advérbios no PB apresenta grande similaridade em relação ao comportamento dos elementos comumente tratados como núcleos categorizadores nos moldes da MD. As peculiaridades da formação são explicadas a partir da ideia de que esse categorizador ainda preserva algumas propriedades da sua origem nominal, notadamente traços de gênero (feminino) e número (singular), com os quais o adjetivo de base faz concordância.

Desse modo, *-mente* apresenta simultaneamente características nominais e adverbiais como fruto do processo de gramaticalização.

A proposta de gramaticalização para os advérbios em *-mente* também é desenvolvida em Sedrins e Lima (2013). Os autores, postulam que, durante o processo de gramaticalização do latim para o português, houve a perda de um traço formal [+F], que era responsável por desencadear movimento de “*mente*” e derivar a ordenação mais livre verificada no latim. Sedrins e Lima (2013) propõem ainda que esse traço [+F] possuía uma natureza nominal, consequentemente perdida durante o processo de gramaticalização, no qual a formação do PB assumiu uma posição linear mais rígida, somente aceitando a ordem adjetivo + *mente*. É interessante considerar, no entanto, que a natureza do traço [F] é bastante especulativa e não chega a ser propriamente explorada na análise dos autores, outra questão que deve ser apontada é o fato deste traço [+F] estar presente apenas nos advérbios, com isso não é possível observar nenhuma outra classe de palavra que apresentasse esse mesmo traço [F] no latim.

Por sua vez, a análise que desenvolvemos neste trabalho dialoga de forma mais explícita com a proposta de Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo) que, com base nas observações de Bauer (2010), sistematizam três diferentes estágios de gramaticalização, que se correlacionam, por sua vez, a três diferentes estruturas para os adverbiais em *-mente*. A nossa proposta de estrutura sintática para os advérbios em *-mente*, tal como desenvolvida no Capítulo 4, corresponde ao terceiro estágio da proposta dos autores, no qual o nome relacionado a “*mente*” deixa de existir na estrutura, sendo tal elemento reanalisado com um categorizador adverbial.

Depois desse panorama geral, delineamos, na próxima seção, os aspectos centrais do quadro teórico da Morfologia Distribuída, a partir do qual a proposta deste trabalho se desenvolve.

1.2. QUADRO TEÓRICO: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), MD, é uma abordagem gerativista que surge no início da década de 90, apresentando-se como um contraponto às perspectivas lexicalistas, que se tornaram predominantes a partir da década de 70, com a publicação de *Remarks on Nominalization* de Chomsky. A proposta de Chomsky (1970) deu origem a abordagem lexicalista, caracterizada, em linhas gerais, pela ideia de que a formação de palavras ocorre em dois diferentes lugares da gramática, o léxico e a sintaxe. Na perspectiva da MD, no entanto, tanto a formação de palavras quanto a formação de sentenças se dão em um único componente gerativo – a sintaxe – e através dos mesmos mecanismos que

irão operar a partir de traços formais e raízes. Assim, não há operações específicas para lidar com a formação de palavras, visto que toda geração de estrutura complexa é sintática, o que ficou conhecido no modelo como *Estrutura sintática por toda a derivação*.

Dessa forma, a MD se propõe a distribuir as informações anteriormente atreladas ao Léxico em perspectivas lexicalistas ao longo de diferentes componentes assumidos na perspectiva de gramática do modelo, tal como ilustrado abaixo:

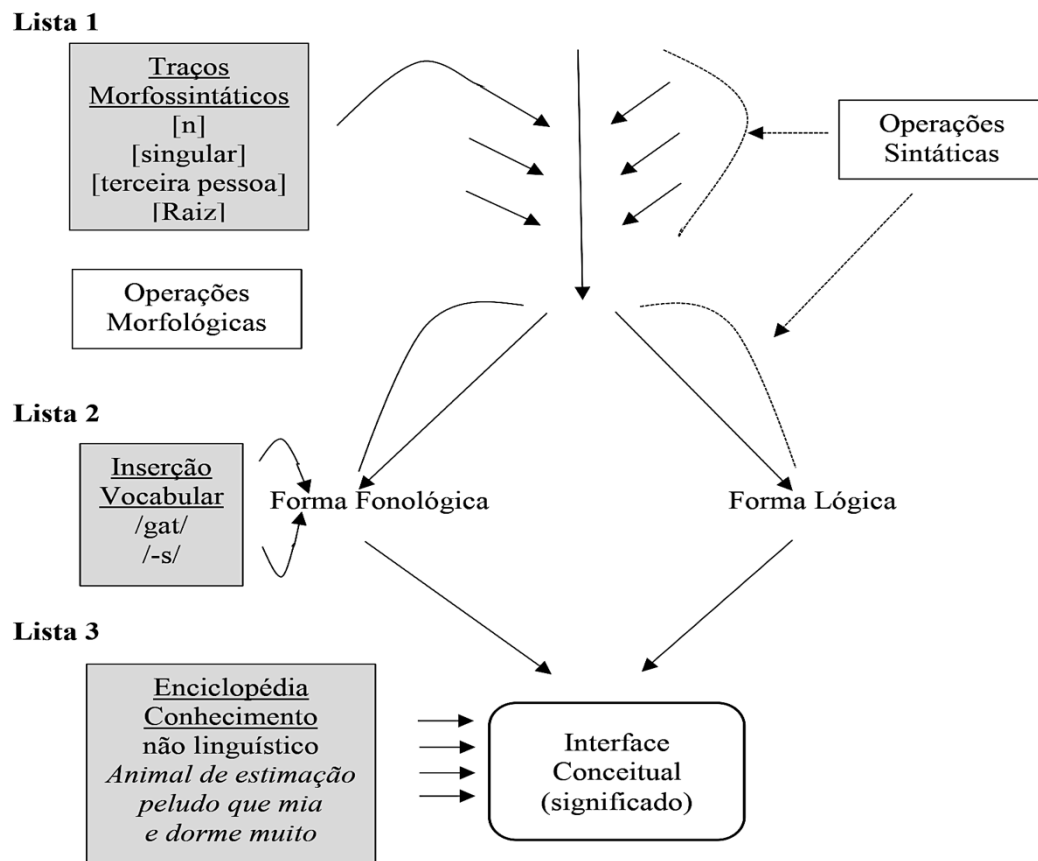


Figura 1 –Arquitetura da gramática da MD (SIDDIQI, 2009 – adaptada por ARMELIN, 2015)

A *Lista 1* ou *Léxico Estrito* é o ponto de partida para formação de palavras e sentenças na MD. Neste componente estão armazenados os primitivos assumidos no modelo, ou seja, raízes e traços formais, que serão posteriormente manipulados pelas operações do componente sintático. Tais elementos são considerados abstratos, ou seja, destituídos de fonologia⁴, o que

⁴ No quadro teórico da MD há uma discussão importante acerca do conteúdo fonológico das raízes. Marantz (1996), por exemplo, assume que não há nenhum conteúdo fonológico nas raízes, uma vez que essas informações não são relevantes para a sintaxe e não devem, portanto, ser carregadas ao longo de toda a derivação. Já autores como Embick (2000) e Embick e Halle (2005) defendem, com base em dados extraídos do latim, que as raízes possuem algum conteúdo fonológico já na Lista 1.

insere a MD entre os modelos que adotam o separacionismo entre traços fonológicos e estrutura hierárquica.

A *Lista 2*, também conhecida como *Vocabulário*, encontra-se no ramo de PF e armazena os *Itens de Vocabulário (IVs)*, entendidos como a associação entre as peças fonológicas disponíveis na língua e seus respectivos contextos de inserção. O conteúdo fonológico dos nós terminais da sintaxe é definido tardiamente por uma competição entre os *IVs*, regulada a partir da compatibilidade entre os traços formais presentes na sintaxe e aqueles presentes nos *IVs* disponíveis no inventário da língua. Essa compatibilidade é, por sua vez, regida pelo *Princípio do Subconjunto* (HALLE, 1997), que prevê que os candidatos para inserção englobam apenas *IVs* especificados com todos ou com um subconjunto dos traços da sintaxe. Dessa forma, o *IV* mais especificado vence a competição para inserção de conteúdo fonológico, embora um *IV* não necessite ser totalmente especificado, podendo conter menos traços do que aqueles presentes na sintaxe, desde que tal *IV* não apresente um traço incompatível com o nó sintático.

Na *Lista 3* ou *Enciclopédia*, estão armazenadas as entradas enciclopédicas que serão responsáveis por mapear as raízes e seus contextos sintáticos a um conteúdo extralinguístico de natureza idiossincrática.

O modelo da MD desponta como um aporte teórico interessante para o desenvolvimento da nossa pesquisa a partir da ideia de acategorialidade das raízes. Mais especificamente, de acordo com a MD, as raízes são desprovidas de categoria e somente serão categorizadas após a concatenação a um núcleo categorizador na sintaxe. Essa linha de raciocínio nos permite desenvolver como hipótese de trabalho a existência de um categorizador adverbial para a formação de estruturas em *-mente*. Além disso, a ideia da existência de núcleos cíclicos definidores de fases no interior da palavra, tal como desenvolvida em Marantz (2001, 2007) e Embick (2010), abre perspectivas importantes para a compreensão das propriedades fonológicas e semânticas do formador *-mente* a partir não só do seu estatuto de núcleo categorizador, mas também da sua altura de anexação na estrutura.

Finalmente, um modelo que assume a formação de palavras na sintaxe, como a MD, nos permite propor que um mecanismo assumido na formação de sentenças, como a operação de *Agree* (CHOMSKY, 2000, 2001), ocorra também na formação de palavras. Mais especificamente, propomos uma análise em que o adjetivo sonda a estrutura para satisfazer seus traços não valorados de gênero e número, recebendo feminino e singular através da operação de *Agree* com categorizador adverbial que, por sua vez, apresenta esses traços valorados.

Considerando as propriedades do modelo teórico, sistematizamos, na próxima seção, as questões centrais da pesquisa e as hipóteses levantadas neste trabalho.

1.3. QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES LEVANTADAS

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a estrutura interna das formações adverbiais em *-mente* no PB a partir da perspectiva teórica da MD. Para tanto, algumas questões centrais emergem como norteadoras do trabalho, de modo que as hipóteses para tais questões delineiam a proposta desenvolvida ao longo dos próximos capítulos.

- a) Qual o estatuto categorial das formações em *-mente*?

Hipótese: os advérbios são inegavelmente uma classe heterogênea em termos categoriais, abarcando elementos de natureza categorial variada. Em relação aos advérbios em *-mente*, propomos que o seu comportamento é incompatível com o dos adjetivos, preposições e pronomes. Dessa forma, analisamos as formações em *-mente* como uma classe autônoma e independente.

- b) Os advérbios em *-mente* são instâncias de derivação ou composição?

Hipótese: embora as fronteiras que separam derivação e composição não sejam totalmente nítidas e estáveis, tomamos como base as propriedades empíricas sistematizadas em Gonçalves e Andrade (2016) como representantes desses dois processos. A partir delas, propomos que os advérbios em *-mente* apresentam majoritariamente propriedades que os assemelham à derivação em termos de comportamento empírico.

- c) Como explicar as propriedades em *-mente* compatíveis com a composição?

Hipótese: Por sua vez, as propriedades de *-mente* que são comumente atribuídas aos compostos, notadamente seu comportamento fonológico, são explicadas a partir da noção de localidade na estrutura sintática. Assim, estando *-mente* e a base adjetival em domínios distintos de fase (MARANTZ, 2001, 2007; EMBICK 2010), tais elementos não podem interagir fonologicamente, de modo que *-mente*, além de carregar acento próprio não é capaz de desencadear nenhuma alomorfia na base.

- d) Qual o estatuto formal do elemento *-mente* nas formações adverbiais?

Hipótese: a partir das propriedades empíricas do formador *-mente*, propomos que tal elemento se comporta de maneira bastante próxima àqueles comumente

assumidos como núcleos categorizados nos moldes da MD. O formador *-mente* seleciona a categoria compatível para sua anexação, além de alterar as propriedades formais da derivação a que se anexa. Dessa forma, propomos que *-mente* é a realização fonológica do categorizador adverbial (*adv*, nos moldes da MD).

e) Como se explica a necessidade de uma base adjetival feminina nas formações em *-mente*?

Hipótese: em termos de traços formais, assumimos que adjetivos são caracterizados por não possuírem traços- ϕ inerentemente valorados, devendo adquiri-los na sintaxe, via *Agree*. Logo, o adjetivo sonda a estrutura para satisfazer seus traços, estabelecendo *Agree* com os traços valorados do categorizador adverbial. A presença do traço nominal de gênero no categorizador adverbial é fruto do processo de gramaticalização pelo qual essa forma passou. Na passagem do latim para o PB (e demais línguas românicas), ele teria sido convertido de um substantivo pleno a um núcleo funcional, mais especificamente formador de advérbios.

CAPÍTULO 2: O ESTATUTO CATEGORIAL DOS ADVÉRBIOS NA LITERATURA

A categoria dos advérbios tem um estatuto incerto dentro do conjunto das chamadas classes de palavras. Visto que os advérbios apresentam propriedades que ora os assemelham e ora os distinguem de outras classes de palavras, paira na literatura uma hesitação entre considerar os advérbios como uma subclasse de outras categorias ou, mais propriamente, como uma categoria independente. Dentre os autores que o definem como subclasse de outras classes lexicais, há ainda uma importante controvérsia em relação à qual categoria deveria englobar o advérbio, uma vez que essa classe abriga elementos com comportamento heterogêneo. É bastante comum na literatura a ideia de que os advérbios são, na verdade, uma subclasse dos adjetivos (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007; LOBATO, 2008), sendo que ambos os elementos atuam como modificadores, embora em domínios contextuais distintos. No entanto, algumas propostas relacionam, por suas semelhanças distribucionais, os advérbios à categoria das preposições (LEMLE, 1984; EMONDS, 1976; LEE, 1999) e outras, por sua vez, os relacionam aos pronomes (BOMFIM, 1988), principalmente considerando o caráter dêitico de alguns advérbios. Além disso, sob a argumentação de que os advérbios apresentam diversas propriedades que os distinguem dessas outras categorias, encontramos ainda na literatura (JACKENDOFF, 1972; PAYNE et al., 2010) a proposta de que os advérbios devam ser tratados como classe independente.

Com o objetivo de abordar as controvérsias ligadas ao estatuto categorial dos advérbios, este capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 2.1, discutimos as relações entre advérbios e preposições, como apontado em Lemle (1984), Emonds (1976) e Lee (1999), que debatem a possibilidade de que alguns advérbios apresentem natureza preposicional; na seção 2.2, apresentamos, por sua vez, a investigação de Bomfim (1988), que define os advérbios com propriedades dêiticas como classe intrínseca aos pronomes; já na seção 2.3, tratamos de algumas propostas que defendem os advérbios como uma subclasse dos adjetivos, a partir da percepção de que adjetivos e advérbios compartilham propriedades fundamentais (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007); na seção 2.4, por outro lado, abordamos a proposta de Payne et al. (2010), que argumentam que os advérbios representam uma categoria única e independente. É essa a perspectiva de análise que ancora a proposta desenvolvida no Capítulo 4 deste trabalho, que assume que os advérbios em *-mente* evidenciam uma categoria lexical independente formada através da anexação com um categorizador próprio. Finalmente, a seção 2.5. encerra o capítulo, retomando as considerações centrais para o desenvolvimento da nossa proposta.

2.1. ADVÉRBIOS E PREPOSIÇÕES

Discutindo os critérios de classificação oferecidos pela tradição gramatical em oposição àqueles empregados pela literatura de base linguística, Lemle (1984) faz uma distinção entre o que a autora chama de rotulação funcional e rotulação categorial, argumentando em favor da segunda visão.

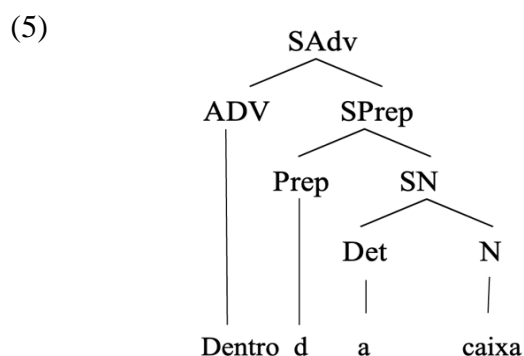
Segundo a autora, a rotulação funcional seria o mecanismo amplamente adotado pela tradição gramatical, que distingue, por exemplo, o estatuto de elementos encabeçados por preposição a partir de sua função na sentença.

- (3) a. Dançou de muletas.
b. A bailarina de muletas.

Dessa forma, uma preposição seguida de nome que se apresente em uma função equivalente à de advérbio é classificada como locução adverbial (3a). No entanto, quando essa mesma sequência possui uma função equivalente a adjetivos, a gramática tradicional a classifica como locução adjetiva (3b). A rotulação categorial, adotada, por sua vez, nos estudos gerativistas, classifica os sintagmas a partir da natureza do seu núcleo, o que, a despeito das diferentes funções e com foco na estrutura da expressão linguística, permite unificar as locuções adjetivas ou adverbiais ao estatuto de sintagma preposicional.

A autora também aborda a descrição dada às chamadas locuções preposicionais, que seriam formadas por advérbios seguidos de preposições. Lemle (1984) assume que um advérbio pode licenciar complementos, logo, em dados como (4a), teríamos um advérbio propriamente dito e, em dados como (4b), teríamos um sintagma adverbial, como ilustrado na estrutura (5).

- (4) a. Dentro/ depois/ abaixo
b. Dentro da caixa/ depois da festa/ abaixo do título



(LEMLE, 1984, p. 131)

Contudo vale ressaltar que nos casos como (4a-b), por exemplo *dentro/dentro da caixa*, *depois/depois da festa*, *abaixo/abaixo do título*, a contração da preposição com o sintagma nominal referente poderia acarretar uma mudança de classe lexical, i.e., haveria uma adverbialização de sintagmas preposicionais. Com isso, Lemle (1984) descarta o princípio da rotulação funcional para estabelecer as fronteiras entre advérbios e preposições, destacando a possibilidade de adverbialização de sintagmas preposicionados no PB e explicando esse processo como uma redução de preposições a prefixos.

Com base na ideia de que preposições podem ser tanto transitivas como intransitivas, a autora propõe que elementos como *antes*, *depois*, *abaixo*, *dentro*, *fora*, *acima* sejam tratados de maneira unificada. Segundo Lemle (1984), a classificação não uniforme oferecida pela gramática tradicional deriva do ambiente sintático em que esses termos se encontram inseridos, ou seja, em ambientes intransitivos esses termos são classificados como advérbios (6a), enquanto em ambientes transitivos recebem nomenclatura de locuções prepositivas (6b).

- (6) a. Maria dormiu fora
- b. Maria dormiu fora de casa

De acordo com Lemle (1984), a classificação uniforme de tais elementos como preposições captaria a semelhança na distribuição sintática que há entre essas duas classes de palavras. Dessa maneira, a autora argumenta a favor de uma subclasse unificada, conforme as semelhanças semânticas e sintáticas que acredita haver entre preposições e advérbios.

Lemle (1984) ainda observa que sintagmas preposicionais e advérbios possuem semelhanças semânticas e, por essa razão, podem ocupar a mesma posição sintática, como nos dados mostrados a seguir:

- (7) a. Trabalhe atentamente.
- b. Trabalhe com atenção.
- c. Cuidadoso demais.
- d. Cuidadoso em demasia.
- e. Excessivamente com cuidado.
- f. Com cuidado em excesso.
- g. A nossa revolta hoje.
- h. A nossa revolta neste dia.

(TEIXEIRA, 2015, p. 49)

Ao observar esses dados, a autora conclui que todos os contextos que aceitam modificação por advérbios também aceitam modificação por preposições. Assim, Lemle (1984), ancorada nas semelhanças semânticas e nas suas respectivas distribuições sintáticas, defende que a classe abrangente no sentido funcional seria a das preposições e, portanto, os advérbios constituíram uma subclasse delas. Dessa forma, a autora propõe a existência de uma única classe, a das preposições, que poderia ser transitiva ou intransitiva. Nesse segundo caso, estariam os elementos tradicionalmente classificados como advérbios.

Seguindo o argumento de que advérbios e preposições compartilham algumas propriedades semelhantes, Emonds (1985) propõe que alguns advérbios – como *home* ('em casa'), *downstairs* ('embaixo') e *afterward* ('depois'), além de outras partículas pós-verbais como *aboard* ('a bordo'), *abroad* ('no exterior'), *away* ('para fora'), *here* ('aqui'), *now* ('agora'), *somewhere* ('em algum lugar'), *then* ('naquele tempo'), *there* ('lá'), *when* ('quando'), entre outros – são classificados de maneira mais adequada quando os assumimos como preposições. Mais especificamente, o autor aponta que o comportamento desses elementos considerados pela literatura tradicionalmente como advérbios é mais semelhante ao comportamento de preposições. É interessante ressaltar que a proposta do autor não aborda diretamente os advérbios formados em *-ly*. A suposição do autor, feita em nota de rodapé, é a de que o sufixo *-ly* do inglês seria, na verdade, uma espécie de afixo flexional que se anexa a adjetivos.

Nessa mesma perspectiva, Lee (1999) também ilustra a dificuldade de delimitação das fronteiras entre alguns tipos de advérbios e as preposições a partir da observação de que tais elementos compartilham um grande número de propriedades. Em dados como os em (8), por exemplo, não é óbvio, segundo o autor, se os itens *outside* ('fora'), *before* ('antes') e *behind* ('atrás') devem ser analisados como preposições, como complementos elípticos ou como advérbios.

- (8)
- a. John was in the house, but I stayed *outside*.
'John estava em casa, mas eu fiquei do lado de fora'
 - b. Sue left at three, but Jo left *before*.
'Sue saiu às três, mas Jo saiu antes'
 - c. I'll stand in front of Ed and you stand *behind*.
'Eu vou ficar na frente de Ed e você atrás'

(LEE, 1999, p. 136)

Outro fator relevante apontado por Lee (1999) a fim de argumentar em favor do tratamento dos advérbios como preposições está relacionado ao fato de que os advérbios podem funcionar como complemento de verbos que tomam PPs como seus complementos.

- (9) a. He went [to the door]_{PP}.
 ‘Ele foi para a porta’
- b. He went [downstairs]_{ADVP}.
 ‘Ele foi lá embaixo’
- c. He went [in]_{PP}.
 ‘Ele foi para dentro’
- d. He went [abroad]_{ADVP}.
 ‘Ele foi ao exterior’

(Adaptado de LEE, 1999, p.137)

No mesmo sentido, o autor aponta que, assim como os sintagmas preposicionados, alguns advérbios podem surgir na posição de modificadores pós-nominais, como é o caso dos exemplos em (10), nos quais as estruturas adverbiais e preposicionais possuem uma estrutura sintática semelhante.

- (10) a. The man [in the corner]_{PP}.
 ‘O homem no canto’
- b. The man [outside]_{ADVP}.
 ‘O homem lá fora’
- c. The bed [downstairs]_{ADVP}.
 ‘A cama no andar de baixo’

Ainda de acordo com Lee (1999), advérbios e sintagmas preposicionados podem se alternar no complemento de preposição (11a-c), ou ainda, podem exigir sintagmas preposicionados como complemento (11d-e).

- (11) a. From [under the bed]_{PP}.
 ‘De debaixo da cama’
- b. From [downstairs]_{ADVP}.
 ‘Do andar de baixo’

- c. From [outside]_{ADV}.
'De [fora]'
- d. [From]_P under the bed.
'De debaixo da cama'
- e. [Here]_{ADV} in Australia.
'Aqui na Austrália'

(Adaptado de LEE, 1999, p. 140)

Em suma, na perspectiva de Lee (1999), os advérbios tratados como preposições seriam aqueles que apresentam as seguintes propriedades:

- Ao contrário dos advérbios (prototípicos), esses elementos podem funcionar como complementos verbais, sendo que os verbos em questão são justamente aqueles que levam complementos de PP;
- Podem pós-modificar substantivos;
- Não podem pré-modificar adjetivos ou outros advérbios;
- Podem funcionar como complementos de preposições.
- Podem tomar PPs como complementos.

É importante ressaltar, no entanto, que Lee (1999) reconhece que tais elementos não seriam advérbios prototípicos, uma vez que eles apresentam um comportamento diferenciado, tais como a ausência da morfologia *-ly* e a incapacidade de licenciar modificadores de grau, por exemplo.

Na seção a seguir, continuamos a apresentar a literatura que discute o estatuto categorial dos advérbios, abordando a proposta de Bomfim (1988), na qual a autora assume que alguns advérbios compartilham, na verdade, muitas propriedades sintáticas e semânticas relativas à classe dos pronomes.

2.2. ADVÉRBIOS E PRONOMES

Em seus estudos, Bomfim (1988) trata a classe dos advérbios como uma classe composta por propriedades semânticas e sintáticas não uniformes, propondo que alguns advérbios apresentam propriedades semelhantes às dos pronomes. Para tanto, Bomfim (1988)

revisita o estatuto de elementos tradicionalmente classificados pelas gramáticas como advérbios de tempo e lugar, separando-os em diferentes grupos.

Dentre os advérbios de tempo, o primeiro grupo é composto pelos advérbios propriamente temporais – como *ontem*, *hoje* e *amanhã*, por exemplo – que permitem uma localização no tempo a partir de uma referência precisa e, por isso, respondem adequadamente à pergunta “quando?”. Já o segundo grupo de advérbios abriga aqueles que não são capazes de responder a essa pergunta devido ao fato de estarem ligados ao processo verbal, como *cedo* e *tarde*, por exemplo. Além disso, esse segundo tipo de advérbio pode coocorrer com outros advérbios temporais e pode ser modificado por intensificadores.

- (12) a. Chegou *hoje cedo*.
b. Chegou *hoje muito cedo/ bem cedo*.
c. Chegou *cedo hoje*.

(BOMFIM, 1988, p. 28)

Ainda segundo a autora, os advérbios propriamente temporais, por possuírem um ponto de referência específico e se referirem ao enunciado como um todo, apresentariam maior possibilidade de mobilidade na estrutura, como pode ser visto nos dados a seguir:

- (13) a. João chegou da Europa *hoje*.
b. *Hoje* João chegou da Europa.
c. João *hoje* chegou da Europa.
d. João chegou *hoje* da Europa.

(BOMFIM, 1988, p. 30)

Dessa mesma forma, tais elementos, diferentemente dos advérbios *cedo* e *tarde*, por exemplo, não podem ser intensificados.

- (14) a. *João chegou da Europa *muito hoje*.
b. *João chegou da Europa *muito ontem*.
c. *João chegará da Europa *muito amanhã*.

Bomfim (1988), ao analisar dados como os apresentados acima, indica que os advérbios propriamente temporais manifestam propriedades semelhantes à dos pronomes dêiticos, tendo

um ponto de referência no contexto extralinguístico. Dessa forma, tais elementos podem, segundo a autora, substituir uma expressão nominal e exercer a função de sujeito na estrutura⁵:

- (15) a. Hoje e amanhã são dias de festa.
b. Ontem foi um dia péssimo.
c. Amanhã será outro dia.

(BOMFIM, p. 1988, p. 31)

Uma interessante evidência do papel de sujeito desses elementos nas formas acima é, segundo a autora, o fato de que em (15a) eles levam o verbo para o plural.

Já a respeito dos advérbios de lugar, na mesma linha da proposta para os advérbios de tempo, Bomfim (1988) assume que aqueles que possuem propriedades dêiticas, como *aqui*, *lá* e *aí*, por exemplo, também devem ser englobados na categoria dos pronomes. Uma evidência para essa classificação é que os dêiticos de lugar também podem exercer a posição de sujeito na estrutura.

- (16) a. *Aqui* é o melhor lugar do mundo.
b. *Lá* continua um paraíso.

(BOMFIM, p. 1988, p. 36)

Dessa forma, ao analisar os dados apresentados, a autora defende que os dêiticos temporais e espaciais, como *ontem*, *hoje*, *amanhã*, *aqui* e *lá*, tradicionalmente classificados como advérbios de tempo e lugar pelas gramáticas normativas, se enquadrariam melhor na classe dos pronomes. Todavia, Bomfim (1988) aponta que a classe dos advérbios é heterogênea e compartilha características sintáticas, morfológicas e semânticas de diversas outras categorias lexicais, não tendo uma paridade exclusiva entre a classe dos pronomes e dos advérbios.

Na mesma linha, autores como Ilari et al. (1989) também apontam que os advérbios considerados por eles do tipo dêitico não apresentam as mesmas propriedades dos outros tipos de formações adverbiais. Os autores destacam que advérbios dêiticos podem ser referenciais ou podem ser licenciados em posição argumental, como reforçam os exemplos abaixo, o que seria compatível com a classe dos pronomes.

⁵ A autora reconhece que advérbios como *cedo* também podem ocupar a posição de sujeito sintático. Contudo, na visão da autora, há limitações semânticas para esses advérbios, visto que, esse tipo de advérbio deve respeitar um referencial específico, não possuindo muita mobilidade na sentença, caso contrário sentenças como **Cedo é dia da alegria* deveriam ser permitidas.

- (17) a. Mas a cadeia de supermercados *aqui* é do Recife.
 b. *Hoje* tem sistema financeiro de habitação.
 c. Eu gosto demais de *lá* e gostaria de morar, então eu estive vendo preços de aluguel.

(ILARI et al, 1989, p. 59)

Dentro dos limites da nossa discussão, é interessante ressaltar que os advérbios em *-mente* não fazem parte do escopo de advérbios que compartilham essas propriedades atribuídas aos pronomes, o que parece apontar para o caráter heterogêneo dos elementos tradicionalmente classificados como advérbios.

Na próxima seção, colocamos em discussão propostas de autores como Baker (2003) e Basílio (2007), que classificam os advérbios como uma subclasse dos adjetivos por possuírem propriedades semelhantes a essa classe de palavras.

2.3. ADVÉRBIOS E ADJETIVOS

Em linhas gerais, o argumento de base para que advérbios e adjetivos sejam assimilados à mesma classe é a ideia de que eles ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, sendo considerados elementos em distribuição complementar e, portanto, com o mesmo estatuto formal. Mais precisamente, tal assunção é fruto da observação de que adjetivos modificam nomes, enquanto advérbios modificam verbos, adjetivos e outros advérbios. Sendo assim, a escolha entre adjetivos e advérbios passa a ser vista como algo completamente previsível a partir da categoria do elemento modificado e tais classes são tomadas como variantes de uma única categoria.

Dentre as similaridades que têm sustentado a unificação entre adjetivos e advérbios está a observação de que elementos de ambas as classes estão sujeitos a processos formais semelhantes. Nesse sentido, o comparativo de um advérbio em inglês, por exemplo, é formado da mesma maneira que o comparativo de um adjetivo: ou através da presença de *more* ou através da afixação de *-er*, como apontado por Déchaine (2003):

- (18) a. She thinks *more quickly* than me.
 ‘Ela pensa mais rápido do que eu’
 b. Her brain is *more quick* than mine.
 ‘O cérebro dela é mais rápido que o meu’
 c. She thinks *quicker* than me.

‘Ela pensa mais rápido do que eu’

d. Her brain is *quicker* than mine.

‘O cérebro dela é mais rápido que o meu’

(DÉCHAINED, 2003, p. 68)

Na verdade, de maneira geral, como apontado por Baker (2003) os modificadores de grau que atuam sobre os adjetivos são exatamente os mesmos que modificam os advérbios.

- (19) a. Chris entered the house as quietly as a mouse.
 ‘Chris entrou na casa silenciosamente como um rato’
- b. Chris is as quiet as a mouse.
 ‘Chris é silenciosos como um rato’
- c. Chris entered the house so quietly that no one noticed.
 ‘Chris entrou na casa tão silenciosamente que ninguém percebeu’
- d. Chris is so quiet that no one notices him.
 ‘Chris é tão silencioso que ninguém o nota’

(BAKER, 2003, p. 231)

Mais especificamente, Baker (2003) aponta que os advérbios podem pertencer à classe atributiva dos adjetivos. Tal fato se justifica na observação de que, como no caso dos adjetivos atributivos do inglês, advérbios não podem ter complementos quando eles aparecem antes do núcleo modificado (cf. também JACKENDOFF, 1977).

- (20) a. John is a proud (*of his daughter) man.
 ‘John é um homem orgulhoso (*de sua filha)’
- b. John proudly (*of his daughter) showed everyone his photo album.
 ‘John orgulhosamente (*de sua filha) mostrou a todos seu álbum de fotos’

(BAKER, 2003, p. 231)

Por fim, advérbios em projeções verbais ou adjetivais parecem corresponder, segundo Baker (2003), a adjetivos em projeções nominais derivadas semanticamente paralelas.

- (21) a. Italy *brutally* invaded Albania. Chris is *extremely* shy.
 ‘A Itália invadiu brutalmente a Albânia. Chris é extremamente tímido’
- b. Italy’s *brutal* invasion of Albania Chris’s *extreme* shyness.

‘A brutal invasão da Itália na Albânia A extrema timidez de Chris’

(BAKER, 2003, p. 231)

Além disso, de uma perspectiva tipológica, Baker (2003) afirma que a hipótese de que advérbios e adjetivos pertencem a uma mesma categoria é indiretamente confirmada pelo fato de que uma língua que não apresenta adjetivos, também não apresenta advérbios. O autor observa, ainda, que as restrições de ordenação dos adjetivos em relação aos núcleos nominais por ele modificados são bastante similares às restrições de ordenação dos advérbios em relação aos verbos que eles modificam. Essa similaridade fica explícita no tratamento fornecido em Cinque (1994) para os adjetivos e em Cinque (1999) para os advérbios, ambos vistos como especificadores de projeções funcionais, cujas posições são fixadas pela Gramática Universal.

Ao investigar, mais especificamente, o estatuto do formador *-ly*, Baker (2003) propõe que, na verdade, esse elemento deve ser analisado como um nome. Um dos argumentos do autor em favor dessa análise é a ideia de que os advérbios em *-ly* são semanticamente equivalentes a PPs, neste caso o adjetivo modifica um substantivo (ex. *cuidadosamente/ com cuidado*). Da mesma forma, *-ly*, assim como seus correspondentes em línguas românicas, são diacronicamente relacionados a substantivos. Na mesma linha, o autor pontua que algumas pistas da relação sintática de modificação atributiva ainda sobrevivem nas formações adverbiais. Por exemplo, em línguas como o PB, *-mente* se concatena, especificamente, à forma feminina de adjetivos. Na visão de Baker (2003) esse seria um fato surpreendente se tal elemento fosse considerado um afixo derivacional de mudança de categoria, uma vez que tais afixos normalmente se concatenam a uma base não flexionada. No entanto, a necessidade de uma forma feminina passa a fazer sentido se *-mente*, por exemplo, for um substantivo e o adjetivo for seu modificador atributivo. Finalmente, para Baker (2003), a observação de Jackendoff (1977) de que os advérbios não podem assumir complementos é explicada se o adjetivo for realmente um modificador atributivo, uma vez que modificadores desse tipo geralmente não aceitam complementos. Segundo o autor, essas seriam, portanto, evidências de que *-ly* e *-mente* não são sufixos gramaticalmente inócuos, mas sim núcleos nominais significando 'modo' que entram em construções de modificação atributiva.

A relação entre advérbios e adjetivos também é comumente formalizada na literatura através da ideia de um processo de formação de palavras denominado conversão morfológica. Tal processo seria capaz de alterar, por exemplo, a categoria de um adjetivo, transformando-o em advérbio (BASÍLIO, 2007) sem, no entanto, provocar qualquer alteração morfológica.

Basílio (2007), por exemplo, assume ocorrer uma conversão no PB quando se apresentam formas adjetivais ou adverbiais como nos exemplos a seguir:

- (22) a. João anda *rápido*.
 b. João fala *alto/baixo*.
 c. João falou *bonito* na escola.

Para a autora, nos exemplos como os em (22), temos vocábulos que se apresentam com uma forma morfofonológica de adjetivos. Contudo, com relação às suas propriedades sintáticas, como a associação a um VP, e a sua semântica de ‘modo X’, tais formações se aproximam também da classe adverbial.

Ao observar os dados, Basílio (2007) afirma que tanto as formas adjetivais, quanto as formações *-mente* podem ocorrer em uma mesma posição, mantendo o mesmo conteúdo semântico. Dessa forma, a autora assume que advérbios sejam adjetivos em contextos específicos, com uma leitura semântica de modo:

- (23) a. A menina tocou *fácil* a música
 b. A menina tocou *facilmente* a música.

 c. Clara entrou *lento* em casa.
 d. Clara entrou *lentamente* em casa.

 e. Maria correu *rápido* para escola.
 f. Maria correu *rapidamente* para escola.

Basílio (2007), analisa, então, dados como os ilustrado em (23a-f), via um fenômeno de conversão, no qual os adjetivos transformam-se em advérbios. A autora ressalta, no entanto, que existem contextos nos quais a formação correspondente do adjetivo e do advérbio em *-mente* não é licenciada. Dessa forma, em alguns casos, como exemplificado em (24), a alternância entre advérbios e adjetivos se torna agramatical:

- (24) a. A menina canta *alto*.
 b. * A menina canta *altamente*.

 c. Maria está *calma* para sua apresentação.
 d. * Maria está *calmamente* para sua apresentação

É interessante ressaltar que a análise apresentada pela autora é baseada em uma perspectiva teórica lexicalista, em que a mudança de categoria ocorre por meio de um processo lexical, o que não é compatível com o modelo da MD adotado neste trabalho. Além disso, mesmo em trabalhos lexicalistas, a natureza formal da operação lexical que transforma a categoria da palavra não é explicitada, tornando difícil prever os limites do processo, que se apresenta mais como uma ferramenta descritiva do que propriamente explicativa. Da mesma forma, o estatuto do formador *-mente* não fica claro em propostas dessa natureza, dada a necessidade de um processo prévio de conversão.

Na próxima seção, abordamos a perspectiva presente na literatura de que os advérbios possuem características próprias e devem, portanto, ser tratados como uma classe independente das outras categorias.

2.4. ADVÉRBIOS COMO CATEGORIA INDEPENDENTE

A abordagem de distribuição complementar entre adjetivos e advérbios, ou seja, de que ambos são modificadores, mas em domínios sintáticos distintos tem servido como base para sustentar a proposta de que adjetivos e advérbios teriam o mesmo estatuto categorial. Segundo Payne et. al. (2010), no entanto, tal argumentação é superficial, uma vez que há um número substancial de exemplos, pelo menos no inglês, em que essa complementaridade não se mantém. Dessa forma, contra a hipótese de que adjetivos e advérbios sejam variantes de uma mesma categoria, Payne et al. (2010) apontam diferenciados contextos sintáticos nos quais a suposta distribuição complementar entre essas duas classes é desfeita.

Nesse sentido, a partir de uma coleta de dados que levou em consideração a frequência de *tokens* de adjetivos e advérbios no Corpus Britânico Nacional (BNC), os autores exploraram uma variedade de dados que incluem, por exemplo, a possibilidade de que advérbios modifiquem nomes, tal como em (25):

- (25) In view of your decision regarding Burma the British Government was not making any formal request to you for [the *use temporarily* of Australian troops to defend Ceylon].

(PAYNE et al., 2010, p. 42)

No exemplo em (25), o advérbio *temporarily* ('temporariamente') apresenta-se como um modificador pós-nominal. Segundo os autores, o fato de o advérbio preceder a locução

preposicional *of Australian troops* ('de tropas australianas') o torna sintaticamente um modificador interno do substantivo. Outros exemplos trazidos pelos autores na mesma linha de raciocínio podem ser vistos abaixo:

- (26) a. [The unique role globally of the Australian Health Promoting Schools Association], as a non-government organization specifically established to promote the concept of the health promoting school, is described.
- b. The NHS and [other health organisations internationally] clearly need methodologies to support benefit analysis of merging healthcare organisations.
- c. Earlham College's modern equestrian center will become even more impressive with [the addition soon of an indoor riding and show arena].
- d. I express my profound disappointment at [the government's refusal yet again to take the high road and bring forth a motion to allow parliament to sit in committee of the whole].

(PAYNE et al., 2010, p. 43)

Na discussão promovida em Payne et al. (2010), o exemplo em (26a) aponta que os substantivos que participam dessas construções não são necessariamente derivados de verbo, como *role* (**it roled globally*). Além disso, embora haja um adjetivo (*global*) relacionado ao advérbio que pode ser empregado como um modificador pré-nominal, o significado dessa formação seria sutilmente diferente daquela em (26a).

Whereas in (17a) [26a] we are talking simply about the location in which the role is performed (globally as opposed, say, to nationally), the use of the adjective strongly invites the inference that the role is an important one.⁶

(PAYNE et al., 2010, p. 43)

Na visão dos autores, o contraste semântico resultante da alternância entre advérbio e adjetivo é ainda mais clara em (26b): o emprego do adjetivo (*international health organisations*) implica que a NHS é uma organização de saúde internacional, enquanto o emprego do advérbio (*NHS and other health organisations internationally*) não traz essa leitura. A respeito de (26c), por sua vez, os autores apontam que, apesar de haver um adjetivo relacionado ao advérbio, tal elemento não pode ser usado como modificador pré-nominal (**the*

⁶ "Enquanto em (17a) [26a] estamos falando simplesmente sobre o local em que o papel é desempenhado (globalmente em oposição, digamos, a nível nacional), o uso do adjetivo convida fortemente à inferência de que o papel é importante". (Tradução nossa)

soon addition of na indoor riding and show arena). Finalmente, no exemplo (26d), há um modificador pós-nominal nucleado por um advérbio morfologicamente simples (*again*) para o qual não há nenhum adjetivo relacionado. A partir dessa discussão os autores concluem que efetivamente não há uma distribuição complementar entre adjetivos e advérbios.

Nessa linha de argumentação, os autores também apresentam, através dos dados coletados, a possibilidade de que adjetivos modifiquem adjetivos, tal como em (27a-b), o que deveria ser um contexto esperado para advérbios sob a assunção de uma distribuição complementar:

- (27) a. blind drunk, cold sober, plain daft, sore afraid, squeaky clean, filthy rich, pretty fine, jolly good, bloody stupid
- b. mad keen, anal retentive, silky smooth, pure archaic, repetitive boring, black British, traditional Irish

(PAYNE et al., 2010, p. 53)

Ainda segundo os autores, em diversos contextos nos quais se verifica a possibilidade de alternância entre adjetivos e advérbios, a escolha entre uma e outra classe é semanticamente contrastiva.

- (28) a. The assassin was cold sober/coldly sober
b. This conclusion is plain daft/plainly daft.

(PAYNE et al., 2010, p. 53)

Na interpretação dos autores, em (28a), *cold sober* significa ‘totalmente não embriagado’, mas a formação adverbial *coldly sober* denota a natureza calculista da sobriedade do assassino, mais plausivelmente no sentido metafórico de ‘friamente racional’. Da mesma forma, em (28b), *plain daft* significa ‘extremamente idiota’, enquanto a formação adverbial apresenta um significado mais literal de ‘obviamente idiota’.

A partir daí os autores argumentam que os advérbios possuem uma base conceitual própria que é distinta da dos adjetivos. A argumentação segue a estratégia tipológica de Dixon (2004), em que a identificação do adjetivo como uma classe de palavras independente é feita a partir da observação de que adjetivos apresentam uma base conceitual distinta daquela apresentada pelas categorias de nomes e verbos. Esse argumento tipológico é reforçado por uma investigação de frequência a partir da ideia de que a base conceitual de uma categoria será

naturalmente refletida na frequência de uso de seus membros. Na visão dos autores, o resultado que emerge a partir do corpus no BNC é que os argumentos tipológicos e de frequência são bastante consistentes. Em linhas gerais, Payne et al. (2010, p.72):

- (i) A base semântica das classes de adjetivos e advérbios é em grande parte diferente, seja a partir de argumentos tipológicos ou relacionados à frequência;
- (ii) Existe apenas uma sobreposição lexical marginal entre os adjetivos e advérbios mais frequentes;
- (iii) A maioria dos adjetivos mais frequentes não possui um advérbio de modo correspondente em *-ly*;
- (iv) O papel semântico de *-ly* é muito diversificado;
- (v) Os adjetivos e advérbios mais frequentes são morfologicamente simples.

Nesse sentido, a partir de uma coleta que levou em consideração a frequência de *tokens* de adjetivos e advérbios no BNC, Payne et al. (2010) propõem que o emprego de adjetivos e advérbios está sujeito à veiculação de bases semânticas consideravelmente distintas, o que leva os autores a argumentar em favor da hipótese de que advérbios devem ser considerados uma categoria independente e separada das outras classes de palavras.

Além disso, é interessante ressaltar que os contextos morfossintáticos apontados por Payne et al. (2010), em que a suposta complementaridade entre adjetivos e advérbios é desfeita, englobam casos que escapam à tradição gramatical, apontando para o fato de que a semelhança entre as duas classes é apenas superficial.

Finalmente, as observações de (iii) a (v) parecem apontar para a adequação de uma análise de *-ly* como um elemento derivacional em oposição ao suposto estatuto flexional argumentado por alguns autores (BYBEE, 1985; PLAG, 2003). Se o advérbio em *-ly* fosse considerada uma flexão do adjetivo, seria esperada uma frequência maior do emprego desse elemento, uma vez que a flexão é tradicionalmente considerada como um elemento obrigatório, diferentemente do apontado em (iii) e (v). Além disso, elementos flexionais tendem a ter uma semântica pouco diversificada, ao contrário do apontado em (iv).

Na análise dos advérbios em *-mente* do PB, argumentamos em favor de uma análise em que esses elementos são tratados como classe independente e desenvolvemos uma proposta na qual o formador *-mente* se comporta sintaticamente como um elemento derivacional, sendo analisado como um categorizador adverbial (um *adv*, nos moldes da MD).

2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo procuramos discutir alguns dos estudos na literatura acerca do estatuto categorial dos advérbios, agrupando-os nas seguintes linhas:

- Propostas que assemelham advérbios e preposições (LEMLE, 1984; LEE 1999);
- Propostas que assemelham advérbios e pronomes (BOMFIM, 1988);
- Propostas que assemelham advérbios e adjetivos (BAKER, 2003; BASÍLIO, 2007);
- Propostas que defendem advérbios como classe independente (PAYNE et al., 2010).

Na primeira linha de análise, Lemle (1984) aborda as semelhanças semânticas e sintáticas entre preposições e advérbios, propondo a existência de uma única classe, a das preposições, que poderia ser transitiva, como as preposições tradicionais, ou intransitiva, como os elementos anteriormente classificados como advérbios. Na mesma linha de raciocínio, Lee (1999) define um subconjunto de advérbios que funcionam de maneira semelhante às preposições. Dentre as propriedades elencadas pelo autor estão: o licenciamento na posição de complemento de verbos que licenciam PPs; a posição de modificador pós nominal; o licenciamento no complemento de preposições e, finalmente, o fato de poderem tomar PPs como complementos. A partir dessas análises é importante destacar os contextos nos quais a alternância entre advérbios em *-mente* e PPs não gera dados gramaticais ou altera substancialmente a interpretação da sentença.

Ainda sob esse cenário de discussão sobre a categoria adverbial, Bomfim (1988) assume que advérbios locativos e temporais que funcionam como dêiticos apresentam comportamento sintático similar a pronomes, podendo, por exemplo, ocupar a posição sintática de sujeito nas estruturas e substituir sintagmas nominais. É importante ressaltar que, embora os advérbios *ontem*, *amanhã*, *hoje*, *cedo* e *tarde* apresentem algumas características semelhantes à de pronomes dêiticos, também apresentam características comuns a classe dos advérbios, como a propriedade central de modificação de um elemento verbal. Além disso, os advérbios em *-mente*, não sendo dêiticos, visto que não atuam como substitutos de sintagmas nominais, parecem não se encaixar na descrição da autora, o que aponta para o estatuto heterogêneo da classe dos advérbios.

Por sua vez, as discussões que assemelham advérbios e adjetivos, são baseadas na ideia de que tais elementos atuam como modificadores em distribuição complementar, apresentando, portanto, muitas similaridades sintáticas e morfológicas, tal como apontado por Baker (2003). Na análise do autor, inclusive, *-ly* e *-mente* são analisados como nomes em uma relação de modificação atributiva com o adjetivo de base. Em nossa análise, desenvolvida no Capítulo 4, capturamos a relação entre *-mente* e seu estatuto nominal através da ideia de gramaticalização sofrida por esse elemento que, no entanto, funciona sincronicamente como um categorizador adverbial que porta traços nominais. No PB, a relação entre adjetivos e advérbios é tradicionalmente capturada pela análise de conversão morfológica, como na proposta de Basílio (2007), por exemplo. Tal processo, no entanto, carece de explicitação em termos de aplicação formal e seus limites, além de ser incompatível com uma perspectiva sintática de formação de palavras.

Finalmente, Payne et. al. (2010) representam uma linha de argumentação na qual advérbios são vistos como uma categoria única e independente. Os autores afirmam que os advérbios possuem propriedades sintáticas e semânticas singulares que os distinguem de outras classes de palavras como pronomes, preposições e até mesmo adjetivos. Além disso, os autores apontam, através de um estudo de *corpus*, diversos contextos em que a suposta distribuição complementar entre adjetivos e advérbios é desfeita.

No próximo capítulo, abordamos outro aspecto controverso da literatura que trata os advérbios em *-mente*, a saber, se as partes que o compõem se relacionam via composição (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999), derivação (PIERA e VARELA, 1999) ou até mesmo através da anexação sintática de um afixo sintagmático (TORNER, 2005).

CAPÍTULO 3: ADVÉRBIOS EM *-mente* E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

No capítulo anterior, discutimos o estatuto categorial dos advérbios e algumas das propostas existentes na literatura que os colocam ora como subclasse de outras categorias, ora como uma categoria independente. Neste capítulo, por sua vez, abordamos outra controvérsia comumente relacionada à discussão a respeito dos advérbios em *-mente*, a saber, qual seria o processo de formação de palavras responsável por gerar tais formas adverbiais.

Dentre as abordagens existentes na literatura, alguns autores analisam a formação de advérbios em *-mente* como um processo de composição (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999). Esse tipo de proposta se sustenta a partir da argumentação de que os advérbios em *-mente* compartilham algumas propriedades morfossintáticas e morfofonológicas com formações tradicionalmente tratadas como compostos. Dentre as propriedades morfossintáticas, destacam-se a possibilidade de *-mente* ser elidido em uma coordenação e a realização desse formador linearmente após a marca de flexão do adjetivo. Do ponto de vista morfofonológico, as evidências incluem, por exemplo, a dupla acentuação das formações em *-mente*, com a preservação do acento da base e do afixo, bem como o não licenciamento de processos fonológicos que costumam ser limitados pelo domínio da palavra fonológica.

Outras análises, por sua vez, propõem que os adverbiais em *-mente* devem ser compreendidos em consonância com as propriedades mais comumente atribuídas ao processo de derivação (PIERA e VARELA, 1999). Em linhas gerais, a argumentação em favor de um processo derivacional é ancorada a partir da ideia de que o afixo *-mente*, como outros afixos derivacionais o fazem, seleciona a categoria da base e promove uma alteração dessa categoria. Da mesma forma, em oposição à abordagem que trata o processo de formação adverbial como composição, a abordagem derivacional se alinha ao fato de que *-mente* se apresenta no PB como uma forma presa e que, portanto, precisa se concatenar a uma base para se realizar na língua.

É interessante ressaltar, no entanto, que, em termos empíricos, o limite que separa propriamente os processos de derivação e de composição não é claro. Para explorar tal aspecto, apresentamos, a partir da sistematização de Gonçalves e Andrade (2016), uma discussão das propriedades empíricas tradicionalmente empregadas para separar derivação e composição. Problematicando essa fronteira, os autores desenvolvem, com base em Kastovsky (2009), a ideia de um *continuum* entre as propriedades que caracterizam tais processos de formação de palavras. Mais especificamente, os autores defendem a ideia de uma escala gradual entre os processos formadores de palavras, não havendo, assim, uma delimitação fixa que separe

composição e derivação. De uma perspectiva teórica formalista de gramática, como a MD, essa discussão é interessante, uma vez que a formação de palavras se dá no componente sintático. Dessa forma, uma separação absoluta entre processos como composição e derivação não é esperada, uma vez que eles deixam de ser tratados como primitivos, mas passam a ser compreendidos como consequência da organização das peças no interior da estrutura sintática. Nosso interesse mais propriamente com essa discussão é capturar as propriedades empíricas das formações em *-mente*, de modo a buscar uma proposta sintática que seja capaz de derivar tais propriedades.

A partir justamente da observação de que as formações em *-mente* apresentam propriedades ambíguas entre diferentes processos de formação de palavras, encontramos na literatura propostas de viés mais sintático, como a de Torner (2005), que analisa o formador adverbial como um afixo sintagmático, ou seja, que se anexa no nível do sintagma, mais especificamente, à projeção máxima do adjetivo.

Com base nas observações Torner (2005), mas a partir especificamente do modelo da MD, Lima (2010) propõe que *-mente* não é um afixo sintagmático, mas sim um categorizador adverbial. O argumento de Lima (2010) é que o adjetivo nas formações em *-mente* não estaria em sua forma flexionada.

Para desenvolver tais discussões este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 3.1, abordamos o processo de composição e derivação e as propriedades compartilhadas por ambos, explicitando a proposta de *continuum* desenvolvida por Gonçalves e Andrade (2016); na seção 3.2, apresentamos os argumentos de abordagens que tratam as formações em *-mente* como compostos, através dos trabalhos de Zagana (1990) e Kovacci (1999); na seção 3.3, por sua vez, são desenvolvidas as evidências propostas na literatura para atribuir a *-mente* a classificação de elemento derivacional, como na abordagem de Piera e Varela (1999) em espanhol; já na seção 3.4, apresentamos o trabalho de Torner (2005), que, mediante os desencontros entre os diferentes estatutos atribuídos a *-mente* na literatura, associa a esse elemento o comportamento de afixo sintagmático; na seção 3.5, por sua vez, apresentamos o sistema desenvolvido em Lima (2010), que propõe, a partir do sistema da MD, que *-mente* é a realização da categoria adverbial. Por fim, na seção 3.6, são encontradas as considerações finais deste capítulo. Tais discussões servirão como base para o desenvolvimento da nossa proposta de análise no capítulo seguinte.

3.1. COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO: PROPRIEDADES E FRONTEIRAS

Embora derivação e composição sejam tradicionalmente vistas como processos distintos de formação de palavras, as fronteiras entre tais processos nem sempre são claras. Nesse sentido, os advérbios em *-mente* são um exemplo bastante conhecido de que algumas formações podem apresentar um comportamento ambíguo entre as propriedades comumente atribuídas à composição e à derivação, o que acaba por gerar análises distintas a depender das propriedades empíricas que são privilegiadas na descrição de cada autor.

Nesse âmbito de discussão, Gonçalves e Andrade (2016) argumentam exatamente em favor da ideia de que a sistematização dos critérios que estabelecem um limite entre os processos de composição e derivação é problemática, visto que essas diretrizes são, muitas vezes, contraditórias. Os autores sistematizam as principais características comumente atribuídas na literatura para caracterizar as formações compostas e as formações derivacionais, tal como ilustrado na tabela abaixo:

Tabela 2- Principais diferenças entre composição e derivação

| | | Composição | Derivação |
|--------------------------|---|---|--|
| Unidades | A | Palavras ou radicais | Afixos |
| | B | Formas livres ou presas que correspondem a palavras | Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo |
| | C | Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra | Unidades definidas por uma posição pré-determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita) |
| | D | As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos | Sufixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras |
| Propriedades estruturais | E | A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente | Cabeça lexical fica à direita |
| | F | Possibilidade de coordenação entre os constituintes | Não há possibilidade de coordenação |

| | | | |
|--------------------------|---|---|---|
| | G | Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas | Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas |
| | H | Caracterizam um inventário aberto | Caracterizam um inventário fechado |
| | I | Possibilidade de flexão entre os constituintes | A flexão é sempre periférica |
| | J | Unidades com acento próprio | Partículas que recebem acento apenas na combinação com a base |
| Propriedades fonológicas | L | Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica | Isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica |
| | M | Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases | Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica |
| | N | As unidades expressam um significado lexical | As unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, capazes de combinação com um número maior de formas linguísticas |
| Propriedades semânticas | O | Interpretação frequentemente holística | Interpretação quase sempre composicional |
| | P | Pode ser endocêntrica ou exocêntrica | Massivamente endocêntrica |
| | Q | Menos estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas | Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis usos e significados das palavras derivadas |

| | | | |
|--------------------------|---|--|--|
| Produtividade e produção | R | Constrói conjuntos mais fechados de palavras (<i>ad hoc</i>) | Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular) |
| | S | Apresenta muitas formas manufaturadas | Cria séries de palavras mais naturalmente |

Fonte: Gonçalves e Andrade (2016, p. 265).

Na discussão dessas propriedades, Gonçalves e Andrade (2016) apontam que a grande maioria dos critérios está sujeita a contrapontos relevantes. Por exemplo, os critérios L e J falham quando são analisados prefixos com acentuação própria, como nos dados em (29). Isso porque nesses casos o prefixo acentuado e a base se manifestam como palavras prosódicas independentes, o que não deveria ocorrer se os critérios L e J fossem respeitados.

- (29) a. {[vice Af] PrWd⁷ [prefeit Rad o] PrWd }MWd⁸
 b. {[anti Af] PrWd [rug Rad as] PrWd }MWd
 c. {[pós Af] PrWd [pág Rad o] PrWd } MWd
 d. {[pré Af] PrWd [test Rad e] PrWd } MWd

(GONÇALVES e ANDRADE, 2016, p.266)

Esse cenário também se coloca no caso de sufixos acentuados, como os formadores *-mente* e *-zinho* do PB, que também projetam palavras prosódicas independentes. Dessa mesma forma, tais elementos mantêm as propriedades segmentais e prosódicas da base à qual se anexam, descumprindo, por consequência, também o critério M, se tratados como formações derivacionais.

Outros critérios também são contestados por Gonçalves e Andrade (2016), como o critério G, que aponta que compostos possuem um maior contingente de unidades linguísticas e expressam ideias mais específicas, e o critério R, que postula a criação de um conjunto mais fechado de palavras no processo de composição. Os autores trazem dados, como os exemplificados em Basílio (1987), que parecem apontar que há afixos com diferentes teores de produtividade e que, portanto, vão se comportar de maneira distinta com relação a esses critérios. A título de exemplificação, os sufixos *-ite* e *-mente* quando comparados entre si apresentam diferentes graus de produtividade. Enquanto, o sufixo *-ite* forma diversas palavras

⁷ PrWd é uma sigla usada para identificar palavras prosódicas.

⁸ MWd é uma sigla usada para identificar palavras morfológicas.

que podem expressar a semântica de inflamação, como *otite*, *faringite* e *labirintite*, por exemplo, também podendo expressar “anomalia”, como em *paixonite*, *preguicite* e *frescurite*, o sufixo *-mente*, por sua vez, pode ser considerado de uma generalidade maior e, portanto, com menos restrições em sua produtividade.

Em termos teóricos, a interpretação do fato de que a fronteira entre os processos de composição e derivação não é clara pode receber diversas implementações. Gonçalves e Andrade (2016), por exemplo, assumem que a delimitação entre esses dois processos deve ser compreendida através da ideia de um *continuum*, no qual os formativos das línguas podem se movimentar, aproximando-se mais da composição ou da derivação dependendo do critério analisado.

Como já se pode notar a partir dessa breve discussão dos critérios na tabela 2, as formações em *-mente*, se apresentarão ora como composição, ora como derivação a depender do critério aplicado e essa é exatamente uma das discussões proeminentes na literatura a respeito dessas formações. Nesse contexto, Gonçalves e Andrade (2016) ressaltam justamente que o formativo *-mente* não se apresenta como um sufixo prototípico, uma vez que apresenta, por exemplo, a possibilidade de elisão nas coordenadas, projeta sozinho uma palavra fonológica, tendo consequentemente tonicidade dupla, além de impor a flexão de gênero feminino à base adjetiva à qual se anexa, uma característica em princípio intrínseca à composição. Dessa forma, ao investigar as estruturas *X-mente* os autores alegam justamente que esse afixo estaria em uma escala gradual entre composição e derivação, deslocando-se, por ora, em direção à composição.

Dentre os critérios presentes na tabela 2, então, podemos dizer que pelos menos os critérios I, J, L e M apontariam para as formações em *-mente* como composição, enquanto os outros critérios colocariam tais formações mais próximas ao comportamento da derivação.

Tabela 3 – Semelhanças entre *-mente* e a composição

| | | |
|---|--|---|
| I | Possibilidade de flexão entre os constituintes | a. lindamente b. *lindamente |
| J | Unidades com acento próprio | a. {[bɛl _{Rad} a] _{PrWd} [mente _{Af}] _{PrWd} } _{MWd} b. *b[e]lamente |
| L | Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica | cf. exemplo acima |

| | | |
|---|--|-------------------|
| M | Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases | cf. exemplo acima |
|---|--|-------------------|

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Gonçalves e Andrade (2016, p. 265).

Essa ambiguidade de comportamento do afixo *-mente* é, de fato, uma das controvérsias mais reconhecidas quando se discute o estatuto das formações adverbiais. Para sistematizar essa discussão, nas seções seguintes apresentamos propostas que argumentam em favor dos advérbios em *-mente* como formações compostas (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999), como formações derivacionais (PIERA & VARELA, 1999) ou até mesmo afixos sintagmáticos (TORNER, 2005).

Antes, porém, é interessante ressaltar que, ao assumirmos o quadro teórico da MD, a separação intrínseca entre os processos de composição e derivação não é um primitivo do modelo. Uma vez que a formação de palavras ocorre no componente sintático, as diferenças de comportamento entre tais processos devem ser capturadas, na verdade, por diferentes estruturas internas e pelo estatuto formal dos elementos envolvidos na concatenação. Interessa-nos, portanto, capturar, a partir da organização de núcleos sintáticos na estrutura hierárquica, as propriedades empíricas apresentadas pelas formações em *-mente*.

3.2. ADVÉRBIOS EM *-MENTE* COMO COMPOSTOS

Tendo em vista o processo de composição na formação de palavras, Zagona (1990) e Kovacci (1999), a partir de uma investigação de dados do espanhol, defendem que os advérbios em *-mente* são formações compostas. Dentre as propriedades que sustentam essa proposta, os autores apontam para a possibilidade de que o formador *-mente* seja elidido em uma coordenação (30), o que também se verifica nos advérbios em PB, como em (31). Essa configuração, que pode ocorrer também em coordenações disjuntivas (30b) e (31b) e comparativas (30c) e (31c), é, segundo os autores, característica de compostos.

- (30) a. Lo hice rápida y cuidadosamente.
b. Directa o indirectamente.
c. Lo han resuelto tanto técnica como teoricamente.

(KOVACCI, 1999, p.709)

- (31) a. Eu o fiz rápida e cuidadosamente.
b. Direta ou indiretamente.
c. Eles têm resolvido tanto técnica como teoricamente

Nessa linha de argumentação de que as formações em *-mente* se comportam como compostos, os autores apontam que, no espanhol, esse processo de elisão não é licenciado em formações com afixos derivacionais ou flexionais (32), o que seria evidência de que as formações em *-mente* não são formadas a partir de flexão ou derivação, mas a partir do processo de composição. Essa impossibilidade de elisão de afixos também se verifica no PB, como se pode ver em (33).

- (32) a. Sufixos flexionais
mesa y sillas.
- b. Sufixos apreciativos
mesa y sillita.
- c. Sufixos derivacionais
*um problema observa y analizable.

(KOVACCI, 1999, p.709)

- (33) a. mesa e cadeiras.
b. mesa e cadeirinha
c.*um problema observa e analisável.

Nos dados acima, ainda que as formas em (32a-b) e (33a-b) sejam gramaticais, o afixo relevante – plural e apreciativo – só é efetivamente interpretado no elemento a que ele se anexa. Em (32a) e (33a), por exemplo, não se tem veiculada a ideia de plural em ambas as palavras. Da mesma forma, nos dados como em (32b) e (33b), o diminutivo do segundo substantivo não é capaz de licenciar uma semântica diminutiva também no primeiro substantivo da coordenação. Por fim, em (32c) e (33c), temos uma formação agramatical, uma vez que a ausência do sufixo *-ble* no espanhol, correspondente a *-vel* no PB, não licencia a formação de um adjetivo, sendo os elementos da coordenação incompatíveis em termos categoriais. Isso porque o afixo no segundo elemento não é passível de ser recuperado no primeiro elemento da coordenação.

Para sustentar a ideia de que o processo de elisão verificado nas formações em *-mente* é compatível com o comportamento de compostos, Kovacci (1999) traz ainda exemplos de construções coordenadas com compostos no espanhol, nas quais a elisão do núcleo da composição é licenciada no primeiro elemento da coordenação, enquanto, no segundo elemento, ocorre uma recuperação catafórica desse elemento, como em (34). O mesmo processo é licenciado nos dados correspondentes do PB, como se pode ver em (35).

- (34) a. Países centro y sudamericanos.
b. Datos tanto macro como microeconómicos.
c. Pre y postpalatares.

(KOVACCI, 1999, p. 709)

- (35) a. Países centro e sul-americanos.
b. Dados tanto macro como microeconômicos.
c. Pré e pós-palatais.

Ao analisar dados dessa natureza, Kovacci (1999) conclui que os advérbios são compostos e que o formativo *-mente* é, na verdade, o núcleo dessa formação, visto que somente o núcleo pode ser elidido em contextos de coordenação. Dessa forma, os advérbios seriam, de acordo com o autor, compostos formados via concatenação entre um adjetivo flexionado no gênero feminino e *-mente*, sendo este último elemento o núcleo da composição.

Outro argumento que favoreceria a visão do estatuto de composição dos advérbios em *-mente* está relacionado à própria organização linear da formação, dado que o elemento *-mente* se realiza após a flexão do adjetivo. Logo, tratar esse formador como derivacional violaria uma regra translinguisticamente comum na formação de palavras em espanhol, na qual, de acordo com o autor, os sufixos flexionais devem ser precedidos de sufixos derivacionais.

Na mesma linha de argumentação, Saporta (1990), também analisando dados do espanhol, aponta que, na formação superlativa de advérbios, o sufixo superlativo deve necessariamente preceder o formador *-mente*. Dessa maneira, o formador *-mente* deve ser o último elemento que entra na estrutura, anexando-se, portanto, a uma palavra pronta. Esse mesmo padrão é válido para os dados do PB.

- (36) a. Fortissimamente
b. *Fortementíssimo

De um ponto de vista fonológico, Zagana (1990) argumenta que, em espanhol, os advérbios em *-mente* possuem acentuação dupla, visto que há preservação no acento na base adjetival ainda que *-mente* apresente tonicidade própria. A autora aponta que a acentuação dupla não é um padrão de palavras derivadas no espanhol, considerando que as derivações nesta língua apresentam uma única tonicidade na sua formação, seja ela no sufixo, quando tônico, seja ela na base quando a mesma for tônica. Esses dados, de acordo com Zagana (1990), corroboram sua hipótese de que advérbios em *-mente* são formações compostas, uma vez que eles apresentam propriedades contrastantes, segundo ela, com os padrões de formações

derivacionais. Como vimos na seção anterior, esse padrão de tonicidade dupla também se verifica para as formações em *-mente* no PB.

A partir das discussões acima, trazemos a seguir uma sistematização das propriedades de composição comumente atribuídas às formações em *-mente*:

Tabela 4- Características dos compostos estendidas a *-mente*

| Características comumente atribuídas a compostos | Características de compostos mantidas em <i>-mente</i> |
|--|---|
| Alguns tipos de compostos apresentam possibilidade de elisão do núcleo do primeiro constituinte da coordenação | O formador <i>-mente</i> pode ser elididos em contextos coordenados |
| Alguns tipos de compostos apresentam a possibilidade de flexão entre os seus constituintes | O formador <i>-mente</i> se realiza linearmente após a flexão do adjetivo no feminino |
| Os compostos se apresentam como unidades com acentuação própria | Os advérbios <i>-mente</i> apresentam dupla tonicidade, com acento tanto na forma adjetival, como no próprio formador adverbial |

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Uma das críticas mais salientes na literatura à hipótese de composição das formações adverbiais é o fato de que *-mente*, com sentido adverbial, não é uma palavra independente, não podendo, por exemplo, se anexar a outras formações ou ser empregada isoladamente com sentido de modo. Para além disso, como vimos a partir dos critérios sistematizados em Gonçalves e Andrade (2016), as formações em *-mente* apresentam ainda outras propriedades empíricas que seriam compatíveis com o comportamento de formações derivacionais, o que parece desafiar a abordagem de composição, como apresentamos na seção a seguir.

3.3. ADVÉRBIOS EM *-MENTE* COMO DERIVAÇÃO

A partir das propriedades relacionadas aos processos derivacionais, alguns autores (VARELA ORTEGA, 1990; PIERA e VARELA, 1999) analisam o formador *-mente* como um afixo derivacional que se concatena a bases adjetivais para formar advérbios. Nessa perspectiva, na proposta de Piera e Varela (1999), por exemplo, que analisam dados do espanhol, os autores

defendem que os afixos derivacionais selecionam as suas bases a partir de um conjunto de restrições impostas por propriedades formais, como traços categoriais, que determinam a categoria da base, e traços relacionados ao contexto sintático, como estrutura argumental e propriedades aspectuais da base, que também seriam relevantes para a concatenação dos afixos.

Os traços categoriais discutidos pelos autores estão ligados à exigência de uma base de categoria específica para que a concatenação de um afixo seja licenciada. Por exemplo, o sufixo *-ble* do espanhol – correspondente ao sufixo *-vel* do PB – apenas se concatena a bases verbais. A partir desse raciocínio seria, então, possível estabelecer uma restrição categorial imposta pelo sufixo *-mente*, que apenas se concatena a bases adjetivais.

Com relação a propriedades relacionadas ao contexto sintático, haveria, segundo os autores, restrições impostas pelos afixos à estrutura argumental da base. Esse seria o caso, por exemplo, do sufixo adjetival *-ble* em espanhol, que seleciona bases verbais transitivas, mas não bases intransitivas. Além disso, ao analisarem diversas estruturas que apresentam sufixos do espanhol, como *-ble*, *-acéo* e *-miento*, por exemplo, os autores concluem que os afixos herdam parte da estrutura argumental da base com a que se concatenam. Um exemplo disso, seria o comportamento das estruturas do espanhol constituídas do sufixo *-ción*, que, a partir de verbos forma substantivos, herdando o objeto interno do verbo, que pode ser expresso por uma locução prepositiva (37).

- (37) a. Destruir *la ciudad*.
 ‘Destruir a cidade’
 b. La destrucción *de la ciudad*.
 ‘A destruição da cidade’

(Adaptado de PIERA e VARELA, 1999, p. 4396)

As formações adverbiais em *-mente* mostrariam um padrão semelhante, uma vez que essas formações herdam algumas propriedades da estrutura argumental do adjetivo com o qual se concatenam. Dessa forma, quando a base adjetival da formação em *-mente* licencia um PP na posição de complemento, tal argumento também aparece na formação adverbial. O mesmo pode ser observado para as formações correspondentes no PB:

- (38) a. Simultáneo *a esa acción*.
 b. Simultáneamente *a esa acción*.
 c. Contrario *a lo esperado*
 d. Contrariamente *a lo esperado*.

(Adaptado de PIERA e VARELA, 1999, p. 4373)

- (39) a. Simultâneo *a essa ação*.
 b. Simultaneamente *a essa ação*.
 c. Contrário *ao esperado*.
 d. Contrariamente *ao esperado*.

Dessa mesma forma, Varela Ortega (1990) relata que a possibilidade de os advérbios expressarem um argumento do adjetivo é uma forte evidência contrária à proposta de advérbios em *-mente* como compostos. Isso porque *-mente* seria o núcleo do composto nessas formações. No entanto, o elemento que não é núcleo, ou seja, a base adjetival, não deveria projetar na estrutura nenhuma de suas propriedades e, dessa forma, nos advérbios em *-mente* não deveria haver o licenciamento do argumento interno advindo dos adjetivos.

Em relação às propriedades aspectuais em formações derivacionais, Varela Ortega (1990) observa dados do espanhol em que os afixos derivacionais fazem algumas exigências em relação ao aspecto da base. Por exemplo, os afixos *-a* e *-en* não são licenciados, segundo o autor, a se combinar com verbos télicos, o que explicaria a agramaticalidade das formações abaixo:

- (40) a. **a - / en-encontrar*
 b. **a- / en-nacer*
 c. **a- / en-romper*

(Adaptado de VARELA ORTEGA, 1990, p. 13)

Nessa perspectiva, o formativo *-mente* se comportaria como os afixos derivacionais, havendo restrições relevantes relacionadas às propriedades aspectuais da base. Dessa forma, a distinção entre adjetivos que admitem o afixo *-mente* e adjetivos que não o fazem, como em *calvo/*calvamente*, por exemplo, decorreria de um caráter aspectual. Mais especificamente, Varela Ortega (1990) afirma que apenas adjetivos que projetam o aspecto télico poderiam ser adverbializados.

Além disso, é interessante ressaltar que os autores como Piera e Varela (1999), que analisam os advérbios em *-mente* como derivacionais, apoiam-se no fato de que tal elemento não se apresenta como forma livre na língua. Mais especificamente, sendo um comportamento característico de compostos a união de palavras independentes que originam uma nova palavra com novo significado, não faria sentido que exclusivamente na formação de advérbios houvesse a ligação de uma forma livre à uma forma presa.

A partir das discussões acima, trazemos a seguir uma sistematização das propriedades de derivação comumente atribuídas às formações em *-mente*:

Tabela 5 - Características de elementos derivacionais estendidas a *-mente*

| Características comumente atribuídas a formações derivadas | Características de formações derivadas mantidas em <i>-mente</i> |
|--|--|
| Afixos derivacionais podem selecionar a categoria da base | O formador <i>-mente</i> seleciona bases adjetivais para se concatenar |
| Afixos derivacionais podem alterar a categoria da base com a qual se concatenam | O formador <i>-mente</i> altera a categoria da base adjetival com a qual se concatena tornando-a um advérbio |
| Afixos derivacionais podem herdar parte da estrutura argumental da base com a qual se concatenam | Os advérbios em <i>-mente</i> herdam o complemento do adjetivo com o qual se concatenam |
| Afixos derivacionais podem fazer algumas exigências em relação ao aspecto da base | Os advérbios <i>-mente</i> são formados a partir de adjetivos que projetam o aspecto télico |
| Afixos derivacionais são formas presas | O formador <i>-mente</i> não pode ser usado de forma livre na língua com sentido adverbial |

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

Diante das propriedades ambíguas que caracterizam as formações em *-mente*, Torner (2005) aponta que tanto as propostas que analisam *-mente* como elemento derivacional, como aquelas que propõem que tais formações adverbiais funcionam como um composto apresentam problemas, uma vez que deixam de capturar uma série de propriedades empíricas. Sob este enfoque, o autor propõe que, na verdade, o processo de formação dos advérbios em *-mente* é fruto de afixação no nível do sintagma, proposta que apresentamos de forma mais detalhada na próxima seção.

3.4. O FORMADOR *-MENTE* COMO AFIPO SINTAGMÁTICO

Ao observar as propostas da literatura que analisam *-mente* como afixo derivacional ou como composição, Torner (2005) aponta que ambas as abordagens apresentam problemas, visto que as formações em *-mente* ora apresentam propriedades características de compostos, ora apresentam propriedades características de processos derivacionais. O autor defende, então, a partir de uma visão lexicalista fraca, a hipótese de que *-mente* seja um tipo de afixo

sintagmático, ou seja, que se anexa, na sintaxe, no nível da projeção máxima do sintagma adjetival.

Para implementar a proposta, o autor se ancora no conceito de afixo sintagmático, originalmente proposto por Nevis (1985) para os clíticos do finlandês e reanalisado por Zwicky (1987) e Miller (1991, 1992) para tratar também de clíticos em outras línguas. Torner (2005) salienta que, embora haja algumas diferenças na explicitação formal dos afixos sintagmáticos, os autores que se debruçaram sobre o tema concordam em relação ao fato de que tais elementos possuem um comportamento sintático parcialmente semelhante ao de palavras independentes nas línguas e parcialmente semelhante ao de formas presas. Mais especificamente, após averiguar a literatura relevante, Torner (2005) elenca algumas propriedades presentes nesse tipo de afixo:

- a. They attach to a host, unlike words; that is, they are bound morphemes.
- b. They occur in a fixed order, and this order is usually different from that of the corresponding full phrases.
- c. They show arbitrary gaps.
- d. Their phonological shape can be affected by phonology of stem or of other affixes with which they combine.

(TORNER: 2005, p. 126)⁹

Em linhas gerais, Torner (2005) aponta que os elementos relacionados às propriedades listadas acima são unidades dependentes sintática ou morfofonologicamente, sendo, portanto, em seus termos, afixos morfológicos. Contudo, o autor ressalva que esses mesmos elementos podem apresentar também algumas propriedades de palavras, como as abaixo elencadas:

- a. They may have wide scope over co-ordination.
- b. They show so-called “promiscuous attachment”, i.e., they can attach to words of various categories.

(TORNER: 2005, p. 127)¹⁰

⁹ a. Eles se ligam a um hospedeiro, ao contrário das palavras; ou seja, eles são morfemas presos.
 b. Eles ocorrem em uma ordem fixa, e esta ordem geralmente é diferente daquela de sintagmas completos correspondentes.
 c. Eles apresentam lacunas arbitrárias.
 d. Sua forma fonológica pode ser afetada pela fonologia da base ou de outros afixos com os quais se combinam.
 (Tradução nossa)

¹⁰ a. Eles podem ter escopo amplo sobre a coordenação.
 b. Eles apresentam o chamado “apego promíscuo”, ou seja, eles podem se concatenar a palavras de diversas categorias. (Tradução nossa)

A fim de conciliar esse comportamento heterogêneo dos afixos sintagmáticos, o autor depreende que essas unidades são morfologicamente consideradas morfemas, mas que se combinam sintaticamente com palavras ou sintagmas. O autor reconhece que, em linhas gerais, esse tipo de abordagem tem sido utilizado em propostas que se concentram na investigação de clíticos. Embora o afixo *-mente* não seja um clítico e possua natureza morfossintática e semântica diferente desses elementos, Torner (2005) propõe que *-mente*, é um afixo sintagmático derivacional que se concatena a sintagmas adjetivais.

De acordo com Torner (2005), assumir que *-mente* é um afixo sintagmático derivacional explicaria a alteração categorial dessas estruturas, visto que as formações em *-mente* seriam resultado de um processo no qual, o afixo derivacional forma advérbios a partir de adjetivos. Além disso, se *-mente* for tratado efetivamente como um afixo, diferentemente da abordagem de composição, não é necessário postular uma motivação para tal elemento não existir na língua como uma forma livre e independente. Por fim, o autor indica que, ao defender a hipótese de *-mente* como afixo sintagmático que se concatena a APs, pode-se esclarecer a questão da anexação desses núcleos se dar sempre após a flexão do adjetivo.

Torner (2005) argumenta ainda que a possibilidade de elisão de *-mente* em contextos de coordenação se explica pelo fato de que o afixo se adjunge a um AP na sintaxe e não a uma base adjetival no léxico. Dessa forma, segundo o autor, em contextos em que se assume a possibilidade de elisão, o afixo *-mente* estaria, na verdade, concatenando-se a um AP formado através dos adjetivos envolvidos na coordenação, como representado em (41b), não sendo propriamente uma coordenação entre advérbios, diferentemente do que está representado em (41a).

- (41) a. [Adv directa- \emptyset] o [Adv indirecta-mente]
b. [AdvP [AdjP directa o indirecta]-mente]

(TORNER, 2005, p. 128)

O autor também argumenta que, em contextos de coordenação nos quais há um advérbio de intensidade, como *más* do espanhol, por exemplo, essa partícula de intensidade pode ser realizada em ambos os elementos da coordenação. Segundo o autor, essa é uma evidência de que o que ocorre é, de fato, uma coordenação entre adjetivos e não entre advérbios, sendo que *-mente* se concatenaria ao AP coordenado.

- (42) [AdvP [AdjP *más rápida y más eficaz*] mente]

(TORNER, 2005, p. 133)

A respeito da proposta do autor, é importante apontarmos que os notadamente apresentam propriedades que os distinguem do formador *-mente*, como: (i) a propriedade acentual do formador adverbial; (ii) a possibilidade de elisão em coordenadas apresentada pelos advérbios em *-mente*, mas não pelos clíticos; (iii) a ordem fixa em relação a base exibida pelos advérbios em *-mente*, que diverge da ordem flexível expressa pelos clíticos e (iv) a natureza da base à qual esses elementos se anexam, no caso dos clíticos temos uma base verbal e no caso dos advérbios *X-mente* uma base adjetival.

Além disso, há, na proposta de Torner (2005) uma questão relevante de retroalimentação entre os diferentes módulos, léxico e sintaxe, que precisa ser discutida. Mais especificamente, em um viés lexicalista fraco, a derivação é feita no componente lexical, antes da flexão, que é, por sua vez, realizada no componente sintático. Dessa forma, não é claro como o afixo derivacional *-mente* pode ser anexado na sintaxe à projeção máxima do adjetivo que, por sua vez, já está flexionado em gênero. Esse tipo de problemática não se coloca, por sua vez, em um viés totalmente sintático, como no sistema de Lima (2010), que apresentamos a seguir.

3.5. O FORMADOR *-MENTE* COMO CATEGORIZADOR

A proposta de que *-mente* é um categorizador adverbial pode ser encontrada na análise de Lima (2010), desenvolvida sob o viés teórico da MD. Em especial, o autor levanta indagações relacionadas à fronteira entre advérbios e adjetivos, comparando pares de sentenças como as abaixo:

- (43) a. O João entrou na sala rápido.
b. O João entrou na sala rapidamente.

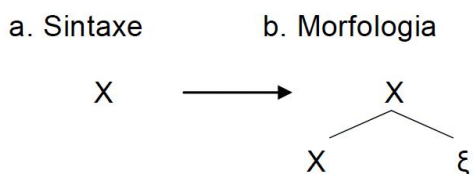
A partir desse pareamento de dados, Lima (2010) assume, diferentemente da nossa proposta, que os advérbios são uma subclasse dos adjetivos. Assim, a forma “rápido”, em sentenças como em (43a), é analisada como um adjetivo em uma forma morfológica *default*, isto é, sem acréscimo de *-mente* em sua estrutura. Na proposta do autor, *-mente*, é definido como um item de vocabulário formador de advérbios no PB, sendo responsável por estipular restrições à categoria da base com a qual se concatena.

Dentre os constituintes da proposta de Lima (2010), destacam-se: a ideia de fase no interior da palavra, nos moldes de Marantz (2001) e a noção de classe temática nominal, tal como definida em Harris (1999) e Alcântara (2010).

Em relação à noção de fase, a ideia central adotada por Lima (2010) é o estatuto dos núcleos categorizadores como núcleos cíclicos, que definem domínios de *Spell-Out*, bem como a delimitação de um domínio interno de concatenação do primeiro categorizador diretamente à raiz, que se distingue de um domínio externo de anexação acima do primeiro categorizador, domínio para o qual as informações do primeiro ciclo não estão acessíveis. Tal noção também será relevante no desenvolvimento da nossa proposta e será mais detalhada no próximo capítulo.

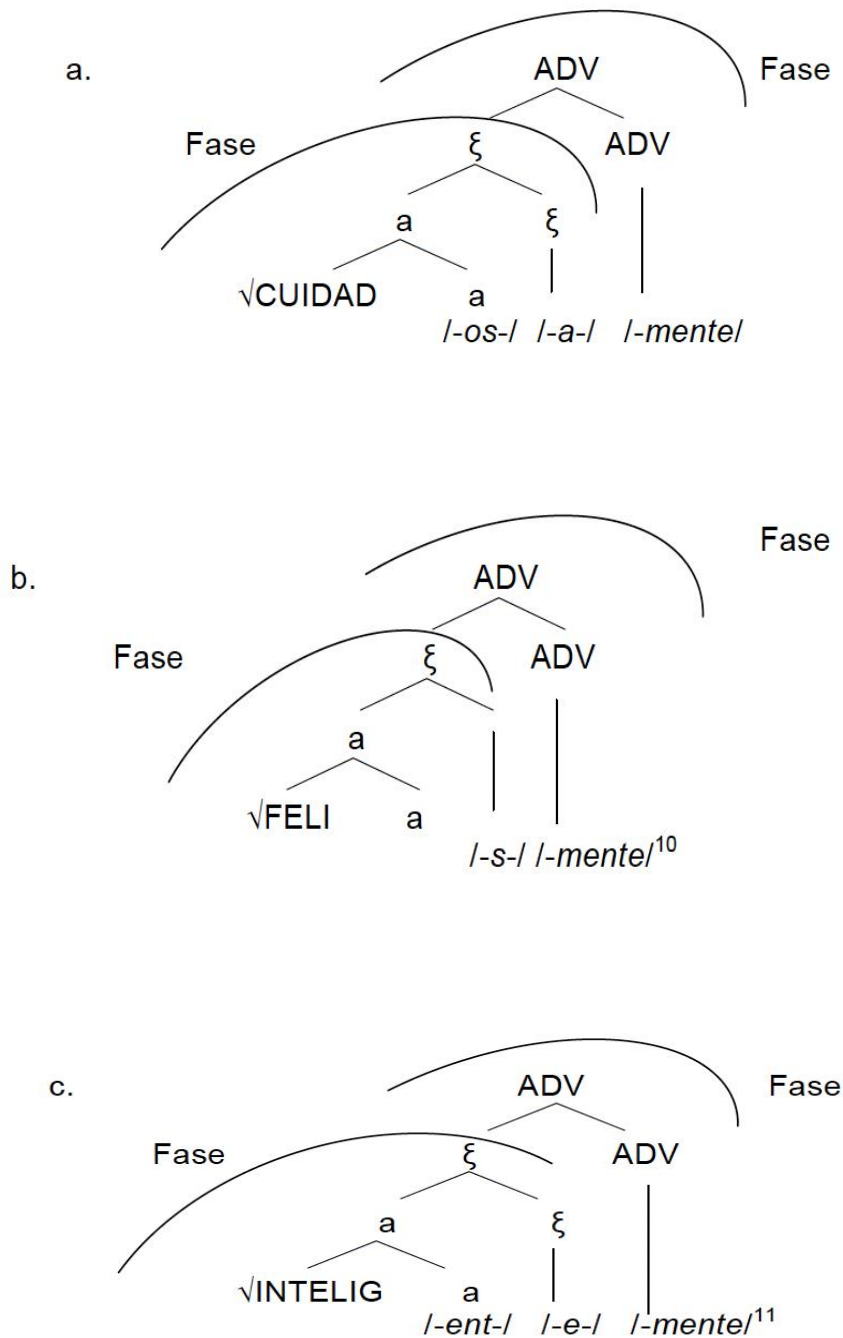
Em relação à noção de classe temática nominal, o autor se apoia nas propostas Harris (1999) e Alcântara (2010), em que se estipula a existência de quatro classes formais divididas a partir da realização fonológica da vogal temática: classe I, que possui vogal temática *-o*; classe II, que possui vogal temática *-a*; classe III, que possui vogal temática *-e* e classe IV, que possui vogal temática não realizada fonologicamente. É importante salientar que o núcleo de classe (ξ) é inserido pós-sintaticamente no componente morfológico para satisfazer uma condição de boa formação morfológica, tal como representado abaixo (LIMA, 2010, p. 119):

(44)



Dessa forma, o autor propõe que a informação relevante para a anexação de *-mente* ao adjetivo é a classe nominal e não o gênero da base, diferentemente da nossa proposta. Para além disso, Lima (2010) propõe que o elemento adverbializador *-mente* apresenta uma espécie de restrição de seleção, de forma que ele apenas se combina com os morfemas de Classe II, Classe III e Classe IV, sendo incompatível com a Classe I. A partir desses pontos, Lima (2010) propõe as seguintes representações para cada uma das classes formais com as quais *-mente* é licenciado:

(45)



(Adaptado de LIMA, 2010, p. 122)

Na análise do autor, o fato de que *-mente* seleciona um adjetivo seria derivado a partir da assunção de que adjetivos e advérbios são subclasses de uma mesma classe. Para além disso, *-mente* seria selecionado, pelo morfema não-nulo mais próximo, nos termos do autor, pelo morfema de vogal temática. Finalmente, para dar conta dos contextos em que há uma forma

adjetival sem a anexação de *-mente*, Lima (2010) propõe haver uma disputa entre /-o/ (Classe I) e o item de vocabulário /-mente/ (adverbializador).

Em relação à proposta de Lima (2010), gostaríamos de ressaltar alguns pontos que consideramos importantes e que afastam a proposta do autor da nossa análise. O primeiro deles é que a relação de seleção entre afixos e bases não é um diagnóstico de que ambos pertençam à mesma categoria, ou seja, o fato de o advérbio selecionar um adjetivo como base não teria como ser explicado a partir da noção de subclasse entre as duas formas. Para além disso, apesar de o autor assumir que adjetivos e advérbios são subclasses da mesma categoria, a proposta de um núcleo adverbializador mostra que a ideia não se sustenta totalmente: se há um núcleo adverbializador na estrutura, então, adjetivos e advérbios não são elementos da mesma classe. Aliás, se as formas com ou sem o afixo *-mente* (*cantou lindo/lindamente*) apresentam a mesma estrutura, então, deveria haver um adverbializador nulo também na estrutura das formas sem *-mente*, o que implicaria assumir que ambos são advérbios, diferentemente do que é anunciado pelo autor como proposta, que entende ambos como adjetivos.

Além disso, a respeito das estruturas em (45) é interessante ressaltar que o núcleo de vogal temática, apesar de ser inserido pós-sintaticamente, projeta seu rótulo na estrutura, alterando a categoria do elemento disponível para o merge do próximo núcleo. Se é assim, então, o adverbializador se concatena não ao adjetivo propriamente dito, mas ao núcleo temático, o que faz se perder a relação inicialmente assumida pelo autor entre adjetivos e advérbios.

A partir da ideia de que o elemento adverbializador *-mente* seria incompatível com a classe I (**lindamente*), o autor propõe uma competição entre *-o* e *-mente*. No entanto, a natureza dessa competição não é clara uma vez que *-o* e *-mente* são expoentes de núcleos distintos na estrutura, respectivamente, vogal temática e adverbializador, de modo que a competição de itens de vocabulário para a inserção é restrita a cada nó sintático individualmente. Para que essa competição fosse licenciada, seria necessário assumir que *-o* é, na verdade, o expoente do adverbializador nas formas sem *-mente*, o que torna o sistema inconsistente. Ao contrário do proposto pelo autor, e como vamos assumir, a ideia de que *-mente* se anexa à forma feminina do adjetivo deriva dados em todas as supostas classes temáticas (*lindamente*, *alegremente*, *felizmente*) justamente porque a seleção relevante não diz respeito à forma morfofonológica da base, se terminada em *-a*, *-e* ou \emptyset , mas sim ao traço formal de gênero que a base carrega. Nesse sentido, a incompatibilidade com a vogal *-o* é derivada simplesmente do fato empírico de não haver adjetivos femininos no PB terminados em *-o*.

3.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos as discussões acerca do estatuto do formador de advérbios em *-mente* a partir do processo de formação de palavras responsável por gerar as propriedades empíricas dessas formações. Mais especificamente, paira, na literatura, uma hesitação a esse respeito com análises que classificam *-mente* como parte de uma composição ou como afixo derivacional.

Para ancorar essa discussão, tomamos como ponto de partida as propriedades empíricas, sistematizadas por Gonçalves e Andrade (2016), comumente empregadas para fazer a oposição entre derivação e composição. Em linhas gerais, Gonçalves e Andrade (2016) defendem não existir uma clara delimitação entre tais processos de formação de palavras. Dessa forma, afixos com comportamento heterogêneo, como o *-mente*, que ora assumem características de compostos e ora assumem características de derivação, estariam em uma escala gradual podendo se aproximar, ao depender da propriedade analisada, de um ou de outro processo de formação de palavras. Do ponto de vista da MD, processos, tais como derivação e composição, não são noções primitivas, já que a formação de palavras se dá integralmente no componente sintático. Nossa análise precisa, no entanto, ser capaz de explicar as propriedades empíricas das formações em *-mente*, a partir das propriedades dos primitivos assumidos e a partir da concatenação desses elementos em uma estrutura hierárquica.

Para sistematizar essas propriedades, abordamos propostas como a de Zagona (1990) e Kovacci (1999), que classificam os advérbios em *-mente* como compostos. Tais análises se ancoram em propriedades que assemelham tais formações, como a possibilidade de elisão em contextos coordenados, a ocorrência de *-mente* sempre após a flexão do adjetivo e, por fim, a dupla tonicidade observada nas formações em *-mente*. Contudo, tais propostas ignoram as propriedades dos advérbios em *-mente* que os assemelham, por outro lado, à derivação.

Por sua vez, autores como Varela Ortega (1990) e Piera e Varela (1999) admitem que os advérbios em *-mente* devam ser classificados como instâncias de derivação. Essa perspectiva é ancorada a partir da argumentação de que, como outros afixos derivacionais, *-mente* seleciona uma base de categoria específica, no caso adjetivos, além de promover uma modificação na categoria da base. Outro argumento nessa direção diz respeito ao fato de *-mente* preservar o argumento do adjetivo de base. Finalmente, a abordagem derivacional explicaria o fato de *-mente* ser considerado uma forma presa.

Torner (2005), ao se deparar com a ambiguidade de comportamento entre composição e derivação no que tange os advérbios em *-mente* adota uma postura distinta, propondo que

essas formações deveriam ser explicadas a partir da altura sintática de anexação de *-mente*. Na proposta do autor, apesar de *-mente* ser um afixo derivacional, ele se anexa no nível do sintagma adjetival, ou seja, ao AP. Entretanto, embora a análise de Torner (2005) dê conta da contradição posta na literatura entre derivação e composição, assumir uma hipótese para os advérbios ancorada em critérios propostos para os clíticos se torna pouco explicativo do ponto de vista formal.

Finalmente, Lima (2010), a partir do viés da MD, propõe que o formador *-mente* não se anexa à base adjetival flexionada, mas sim a um marcador de classe. No entanto, o núcleo de vogal temática, apesar de ser inserido pós-sintaticamente, projeta seu rótulo na estrutura. Além disso, apesar de o autor assumir que adjetivos e advérbios são subclasses da mesma categoria, há na estrutura a presença de um núcleo adverbializador.

Diante das problemáticas apresentadas neste capítulo, delineamos no próximo capítulo nossa proposta de análise para as formações *-mente*. Em linhas gerais, propomos que os advérbios em *-mente* constituem-se como uma classe independente, sendo o formador adverbial a realização fonológica de um núcleo categorizador, nos moldes da MD, que formalmente carrega traços de gênero e número advindos de sua origem nominal latina, com os quais o adjetivo de base concorda ao longo da derivação.

CAPÍTULO 4: UMA PROPOSTA INICIAL DE ANÁLISE PARA OS ADVÉRBIOS EM -MENTE

Nos capítulos anteriores colocamos em discussão dois aspectos centralmente presentes na literatura que se debruçou sobre as formações adverbiais de maneira geral e das formações em *-mente* de modo mais específico:

- (i) A natureza categorial dos advérbios;
- (ii) O processo de formação responsável por gerar as formas em *-mente*;

A primeira linha de discussão agrupa propostas que tratam os advérbios como subclasse de outras categorias, como das preposições (LEMLE, 1984; LEE 1999), pronomes (BOMFIM, 1988) e adjetivos (BAKER, 2003). Neste capítulo de análise, retomamos os principais argumentos em favor dessas perspectivas, olhando especificamente para o comportamento das formações *-mente* no PB. A nossa proposta será a de que o agrupamento das formações *-mente* com outras categorias apresenta inadequações relevantes, de modo que nos parece mais interessante tratá-las como uma classe independente, na linha de PAYNE et al. (2010).

O segundo tipo de discussão diz respeito ao estatuto do formador *-mente* nas construções adverbiais, que em algumas propostas é tratado como parte de um processo de composição (ZAGONA, 1990; KOVACCI, 1999), enquanto em outras é analisado como um afixo derivacional (PIERA e VARELA, 1999). O fato de que as fronteiras entre derivação e composição não são exatamente claras aponta para a adequação de uma abordagem que não toma tais processos como primitivos, mas deriva suas propriedades a partir do modo como suas partes são combinadas. A MD (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) é uma instanciación dessa linha de raciocínio, uma vez que a formação de palavras ocorre integralmente no componente sintático. Nossa análise parte, então, de um modo geral, das propriedades sistematizadas em Gonçalves e Andrade (2016) e, de modo mais específico, também das propriedades que ancoram as análises de composição e derivação dos advérbios na literatura, buscando uma estrutura sintática que seja capaz de explicar o comportamento empírico das formações em *-mente*. Em linhas gerais, propomos que as propriedades derivacionais atribuídas às formações em *-mente* podem ser previstas se tal elemento for tratado como um categorizador, nos moldes da MD. As propriedades comumente atribuídas ao processo de composição são, por sua vez, explicadas a partir da estrutura sintática dessas formações, como a altura de anexação desse categorizador, por exemplo.

Antes de implementar os detalhes da nossa proposta, discutimos também neste capítulo a análise de Lima (2010) desenvolvida a partir do quadro teórico da MD. Apontamos as questões que distanciam nossa análise da proposta de Lima (2010) e a partir dessa discussão, delineamos uma estrutura sintática para as formações *-mente*. Mais especificamente, propomos que o formador *-mente* é resultado do processo de gramaticalização (ROBERTS e ROUSSOU, 1999; HOPPER e TRAUGOTT, 2003) de um substantivo que se converteu em um categorizador sintático adverbial. No entanto, esse categorizador ainda preserva algumas propriedades da sua origem lexical, notadamente traços de gênero (feminino) e número (singular), os quais compartilha com o adjetivo ao qual se concatena. Desse modo, *-mente* apresenta simultaneamente características nominais (gênero e número) e adverbiais (traço categorial), configurando-se como uma categoria mista (ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005). Para tratar do processo de gramaticalização, retomamos as propostas de Sedrins e Lima (2013) e de Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo) de que, mesmo no latim, o sentido original do substantivo *mente* já estava amplamente diluído nas formações adverbiais estruturais, o que aponta para a possibilidade de que o processo de gramaticalização do substantivo “mente” já havia inclusive se iniciado no latim.

Para tanto, este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 4.1 retomamos as discussões a respeito do estatuto categorial das formações adverbiais em *-mente*; na seção 4.2 retomamos as discussões a respeito do estatuto do formador *-mente*, revisitando as propriedades dos processos de composição e derivação; na seção 4.3, por sua vez, desenvolvemos de maneira ampla nossa perspectiva de análise e nas subseções que a compõe abordamos de maneira mais específica algumas questões relevantes para a implementação da análise, como as discussões a respeito da noção de fase (MARANTZ, 2001, 2007; EMBICK 2010) e da interpretabilidade dos traços presentes no categorizador *-mente* (PESETSKY;TORREGO, 2007); já na seção 4.4 abordamos a noção de categoria mista (ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005), nos moldes que as formações em *-mente* parecem se comportar; na seção 4.5 trazemos, como evidência independente, a discussão sobre o processo de gramaticalização que envolve as formações adverbiais em *-mente*. Por fim, na seção 4.6 são encontradas as considerações finais deste capítulo.

4.1. REVISITANDO A DISCUSSÃO CATEGORIAL: EM FAVOR DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* COMO CLASSE INDEPENDENTE

Nesta seção, a partir das discussões feitas no Capítulo 2 deste trabalho, revisitamos o estatuto categorial dos advérbios em *-mente*, evidenciando as problemáticas resultantes do tratamento dos advérbios em *-mente* como subclasse de outras categorias. A partir dessa discussão, nossa proposta toma como ponto de partida a ideia de que as formações adverbiais em *-mente* são instâncias de uma classe independente.

A hipótese de que os advérbios são uma subclasse das preposições encontra apoio na ideia de que as formas adverbiais em *-mente* e sintagmas preposicionais são licenciados nos mesmos contextos sintáticos, tal como argumentam Lemle (1984) e Lee (1999) para o português e para o inglês, respectivamente. Essa observação parece apontar que eles têm a mesma função sintática. No entanto, é importante ressaltar que elementos pertencentes a categorias diferentes podem exercer sintaticamente uma função semelhante. Dessa forma, embora os advérbios possam de fato ocorrer em um ambiente sintático semelhante ao das preposições, esse argumento não determina, necessariamente, que tais elementos façam parte da mesma categoria. Podemos encontrar contextos em que elementos de categoria distintas são licenciados em posições sintáticas semelhantes, sem que haja, no entanto, identidade categorial entre elas.

- (46) a. A Maria viu que o João saiu.
b. A Maria viu a luz.
c. A Maria viu o João bêbado.

Nas sentenças acima, por exemplo, o complemento do verbo “viu” é expresso por um CP em (46a), por um DP em (46b) e por uma mini oração em (46c), que possuem propriedades sintáticas distintas, mas são licenciados no mesmo contexto. O raciocínio puramente contextual empregado na discussão categorial dos advérbios nos levaria, então, a supor que os elementos no complemento do verbo em (46) são pertencentes à mesma categoria.

Para além da distribuição sintática, a literatura que trata advérbios como preposições costuma ressaltar que a alternância com PPs pode manter o mesmo significado da sentença, o que seria um argumento semântico em favor de uma mesma classe de elementos, como em (47a-b). Porém, não é difícil encontrar exemplos em que tal alternância é limitada ou altera substancialmente o significado da formação, como em (47c-d):

- (47) a. Ele procedeu *hipocritamente*.
 b. Ele procedeu *com hipocrisia*.
 c. Condene sua atitude hipocritamente amável.
 d. *Condene sua atitude amável com hipocrisia

(BOMFIM, 1988, p.12-13)

Finalmente, é importante pontuar que a análise de uma preposição implícita nas formações adverbiais ainda necessitaria ser ancorada em uma discussão a respeito do estatuto do formador *-mente*, cuja natureza continua sem resposta em uma análise dessa perspectiva.

Em relação às análises que assemelham advérbios e pronomes, como Bomfim (1988), ressaltamos duas propriedades fundamentais nessa argumentação: (i) a propriedade dêitica de advérbios temporais e locativos e (ii) a possibilidade de que tais advérbios substituam sintagmas nominais na posição de sujeito da sentença. Os advérbios em *-mente*, para além de não terem natureza dêitica, também não se comportam categorialmente como elementos nominais e, portanto, não são licenciados em posições comumente ocupadas por nomes, como posições argumentais, por exemplo.

Além disso, na argumentação de Bomfim (1988), a autora ressalta que os advérbios que se comportam como pronomes não podem ser modificados por intensificadores, como é o caso do advérbio *hoje* na sentença abaixo. Essa, no entanto, não é uma propriedade dos advérbios em *-mente*.

- (48) a. *João chegou da Europa *muito hoje*.
 b. João chegou da Europa *muito tardiamente*.

Finalmente, na própria argumentação de Bomfim (1988), a ideia de que advérbios e pronomes podem constituir uma mesma classe fica restrita aos dêiticos temporais e locativos, de modo que a classe dos advérbios parece ser composta por elementos de natureza categorial heterogênea. Assim, na análise da autora, nem mesmo a totalidade dos advérbios temporais e locativos pertenceria à classe dos pronomes e, dessa mesma maneira, a extensão da argumentação para os advérbios em *-mente* se mostra inadequada.

As discussões que, por sua vez, defendem a abordagem de advérbios como subcategoria ligada aos adjetivos é baseada em semelhanças sintáticas, morfológicas e semânticas entre as duas classes. Uma consequência dessa visão é a ideia de que adjetivos e advérbios são elementos que ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos: enquanto adjetivos são responsáveis por modificar nomes, advérbios modificam verbos, adjetivos e até mesmo outros

advérbios. Todavia, como apontam Payne et. al., (2010), a existência de uma relação de distribuição complementar entre os dois elementos pode ser empiricamente questionada. Na análise de dados do BNC, os autores encontraram uma variedade de dados que incluem, por exemplo, a possibilidade de que advérbios modifiquem nomes e de que adjetivos modifiquem adjetivos, como apresentamos no capítulo anterior, sendo tal comportamento não previsto adequadamente em uma abordagem baseada na ideia de distribuição complementar.

Além disso, tendo em vista a hipótese de que os advérbios seriam uma subclasse dos adjetivos, seria de se esperar, então, que os próprios advérbios pudessem ser tomados como base para *-mente*. No entanto, isso parece não ocorrer com facilidade, como se pode observar pelos dados a seguir, de forma que, mesmo sendo uma classe heterogênea, os advérbios parecem rejeitar a anexação de *-mente*¹¹.

- (49) a. *Ele fará amanhamente um discurso.
b. *Ele disse apenasmente isso.

Dessa forma, a recusa de formas adverbiais como base para *-mente* pode ser indicativa, portanto, de que essa classe não é meramente um tipo de adjetivo, mas sim possui identidade própria.

A ideia de que adjetivos e advérbios são parte da mesma categoria também costuma ser relacionada ao fato de que tais elementos podem compartilhar uma mesma forma morfofonológica, como nos dados abaixo:

- (50) a. O menino correu *rápido*.
b. O menino *rápido* terminou a prova.

No entanto, é interessante pontuar que, em contextos tipicamente adjetivais, como em construções copulares, por exemplo, os advérbios em *-mente* não são licenciados, o que parece ser um argumento contra a ideia de que se trata de elementos da mesma categoria.

- (51) a. O amanhecer do dia é lindo.
b. * O amanhecer do dia é lindamente.

Além disso, um dos argumentos trazidos por análises que agrupam adjetivos e advérbios está ancorada na observação de que ambas as classes estão sujeitas a processos formais

¹¹ Ressaltamos, contudo, que não se pode rejeitar categoricamente essa possibilidade, uma vez que, como apontamos desde o início desta investigação, os advérbios são uma classe heterogênea.

semelhantes. Um exemplo desse raciocínio é a ideia de que os modificadores de grau que atuam sobre os adjetivos são exatamente os mesmos que modificam os advérbios¹². Os dados relevantes são retomados abaixo adaptados de Baker (2003, p. 231):

- (52) a. Chris entrou na casa silenciosamente como um rato.
 b. Chris é silencioso como um rato.
 c. Chris entrou na casa tão silenciosamente que ninguém percebeu.
 d. Chris é tão silencioso que ninguém o nota.

Tal fato pode ser, no entanto, facilmente explicado em uma perspectiva sintática de formação de palavras em que os modificadores adjetivais são concatenados à estrutura antes da anexação de *-mente*, de modo que a modificação é realizada no adjetivo interno à estrutura e não no advérbio propriamente dito. Nesse sentido, as similaridades detectadas entre adjetivos e advérbios seriam, na verdade, consequência da presença de uma forma adjetival interna às formações em *-mente*.

Finalmente, se advérbios e adjetivos são instâncias de uma mesma classe, era de se esperar que os advérbios fossem categorialmente compatíveis com contextos que licenciam nomes. Esse não parece ser o caso, uma vez que os advérbios, diferentemente dos adjetivos, não podem ser licenciados em contextos de nominalização.

- (53) a. *O rapidamente chegou.
 b. *O felizmente chegou.

Devido às problemáticas apresentadas e discutidas nesta seção em relação ao tratamento dos advérbios como subclasse de outras categorias propomos neste trabalho que, pelo menos os advérbios em *-mente*, são a instanciiação de uma categoria independente. Na próxima seção, revisitamos as discussões a respeito da natureza formal do elemento *-mente* nessas formações.

4.2. REVISITANDO A DISCUSSÃO SOBRE O ESTATUTO DE *-MENTE*: EM FAVOR DE UM CATEGORIZADOR ADVERBIAL

Nesta seção, a partir das discussões feitas no Capítulo 3 deste trabalho, revisitamos o estatuto do formador *-mente*, tomado ora como parte de uma composição, ora como parte de

¹² Pontuamos que esses modificadores de grau apresentados por Baker (2003), também atuam sobre outras classes de palavras, como nomes, o que enfraquece o argumento do autor de que advérbios e adjetivos são uma mesma classe de palavras, baseando-se nesse critério.

uma derivação. Para tanto, tomamos como ponto de partida, a sistematização das propriedades empíricas comumente atribuídas a esses dois processos, tal como proposto em Gonçalves e Andrade (2016), atentando-nos, especificamente, ao comportamento das formações em *-mente*.

Tabela 6 - O comportamento de *-mente* entre as principais diferenças entre composição e derivação

| | | Composição | Derivação | Formações <i>-mente</i> |
|--------------------------|---|--|--|--|
| Unidades | A | Palavras ou radicais | Afixos | Derivação: <i>-mente</i> não apresenta independência |
| | B | Formas livres ou presas que correspondem a palavras | Formas presas que não correspondem a palavras de conteúdo | Derivação: <i>-mente</i> não corresponde a palavra de conteúdo |
| | C | Unidades como posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra | Unidades definidas por uma posição pré-determinada numa palavra complexa (à esquerda ou à direita) | Derivação: a posição de <i>-mente</i> é rígida e pré-definida |
| | D | As unidades combinam com uma grande variedade de tipos morfológicos | Sufixos combinam predominantemente com radicais; prefixos combinam exclusivamente com palavras | Derivação: <i>-mente</i> se combina com um tipo bem definido de formação – adjetivos na forma feminina |
| Propriedades estruturais | E | A cabeça lexical fica à esquerda, predominantemente | Cabeça lexical fica à direita | Derivação: <i>-mente</i> atua como núcleo da formação |
| | F | Possibilidade de coordenação entre os constituintes | Não há possibilidade de coordenação | Derivação: não há possibilidade de coordenação entre a base e <i>-mente</i> (<i>*linda e mente</i>) |
| | G | Por expressar ideias mais específicas, há um grande contingente de unidades linguísticas | Por expressar ideias mais gerais, há um número relativamente pequeno de unidades linguísticas | Derivação: as formações em <i>-mente</i> expressam uma ideia geral de “modo”. |
| | H | Caracterizam um inventário aberto | Caracterizam um inventário fechado | Derivação: <i>-mente</i> é parte de um inventário fechado de morfemas. |
| | I | Possibilidade de flexão entre os constituintes | A flexão é sempre periférica | Composição: o adjetivo de base é flexionado na forma feminina |
| | J | Unidades com acento próprio | Partículas que recebem acento apenas na | Composição: as formações em <i>-mente</i> apresentam dupla acentuação |

| | | | | |
|--------------------------|---|---|---|--|
| | | | combinação com a base | |
| Propriedades fonológicas | L | Ausência de isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica | Isomorfismo entre palavra morfológica e palavra fonológica | Composição: as formações em <i>-mente</i> apresentam uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas |
| | M | Manutenção de propriedades segmentais e prosódicas das bases | Mudança na base pela aplicação de regras fonológicas cujo domínio é a palavra fonológica | Composição: a anexação de <i>-mente</i> não desencadeia alterações fonológicas na base |
| | N | As unidades expressam um significado lexical | As unidades atualizam conteúdos semânticos mais gerais, capazes de combinação com um número maior de formas linguísticas | Derivação: as formações em <i>-mente</i> expressam uma ideia geral de “modo” |
| Propriedades semânticas | O | Interpretação frequentemente holística | Interpretação quase sempre composicional | Derivação: a anexação de <i>-mente</i> não desencadeia leitura não composicional |
| | P | Pode ser endocêntrica ou exocêntrica | Massivamente endocêntrica | Derivação: <i>-mente</i> atua como núcleo da formação |
| | Q | Menos estável porque o significado dos elementos geralmente muda por extensões metafóricas ou metonímicas | Mais estável, apresentando funções sintáticas e semânticas predeterminadas, definindo os possíveis usos e significados das palavras derivadas | Derivação: as formações em <i>-mente</i> expressam uma ideia geral de “modo” |
| Produtividade e produção | R | Constrói conjuntos mais fechados de palavras (<i>ad hoc</i>) | Constrói conjuntos mais completos de palavras (mais regular) | Derivação: a aplicação de <i>-mente</i> é bastante regular |
| | S | Apresenta muitas formas manufaturadas | Cria séries de palavras mais naturalmente | Derivação: a aplicação de <i>-mente</i> é bastante regular |

Fonte: Adaptado de Gonçalves e Andrade (2016, p. 265).

Embora se possa, naturalmente, questionar as propriedades elencadas por Gonçalves e Andrade (2016), se tomarmos tal conjunto como ponto de partida, das 18 propriedades sistematizadas pelos autores, é uma observação relevante que em apenas 4 delas (aquelas de I

a M), o funcionamento das formações *-mente* se assemelha ao da composição. Em uma abordagem de um *continuum* entre composição e derivação, tal como proposto por Gonçalves e Andrade (2016), o formador *-mente* estaria bem mais perto do polo da derivação que da composição. Em outras palavras, parece mais razoável tratar as formações adverbiais como fruto de um processo de derivação e explicar as propriedades de I a M a partir de noções independentes. Em uma abordagem formalista, como a assumida neste trabalho, o caminho que se delineia como possível é tratar o formador *-mente* como um categorizador e derivar as propriedades de I a M a partir de noções auxiliares, como a altura de anexação desse elemento na estrutura sintática e a ideia de fases no interior das palavras (MARANTZ, 2001, EMBICK 2010). É exatamente esse o caminho que tomaremos na implementação da nossa análise nas próximas seções.

Para além das propriedades de I a M já presentes entre os argumentos de Zagana (1990) e Kovacci (1999), por exemplo, para tratar as formações adverbiais como composição, outros dois fatos empíricos utilizados frequentemente em favor dessa análise são: (i) a possibilidade de *-mente* ser elidido em contextos de coordenação (*linda e belamente*) e (ii) a posição final de *-mente* que se superficializa após afixos de intensidade, como *-íssimo* (*lindissimamente/ *lindamentíssima*), por exemplo. A nossa proposta é que também essas duas propriedades, como aquelas de I a M na tabela, são derivadas do estatuto de categorizador de *-mente* e da sua altura de anexação na estrutura sintática.

Em termos formais, é interessante ressaltar que o comportamento do afixo *-mente* na formação de advérbios no PB apresenta grande similaridade em relação ao comportamento dos elementos comumente tratados como núcleos categorizadores nos moldes da MD. Dessa forma, assim como os outros categorizadores, *-mente* é capaz de selecionar uma base específica para se concatenar e de alterar a categoria dessa base, como faz o afixo *-vel*, por exemplo:

- (54)
- | | |
|-----------|-------------|
| a. amar | amável |
| b. durar | durável |
| c. lindo | lindamente |
| d. rápido | rapidamente |

Nos exemplos em (54a-b), podemos apontar que o afixo *-vel* seleciona bases de categoria verbal e promove uma recategorização da formação resultante como adjetivo. Logo, uma análise bastante razoável em MD é tratar *-vel* como um núcleo categorizador adjetival, *a*. Comportamento semelhante é visto nas formações em *-mente*: da mesma forma que o núcleo

categorizador adjetival *-vel*, o núcleo *-mente* também seleciona uma base de categoria específica, ou seja, adjetivos, e promove uma recategorização, transformando tais formações em advérbios.

Um aspecto interessante é o fato de que, nos advérbios em *-mente*, a forma da base adjetival aparece no gênero feminino. Apesar de não se tratar da mesma relação, é importante pontuar que não é incomum que núcleos categorizadores se relacionem com o gênero da base, podendo promover inclusive uma alteração desta propriedade. Afixos como *-al* no PB, por exemplo, embora possam se anexar a bases femininas, geram como resultado uma formação de gênero masculino.

- (55)
- | | |
|--------------|------------|
| a. a banana | o bananal |
| b. a laranja | o laranjal |
| c. o café | o cafezal |
| d. o milho | o milharal |

Dessa correlação estreita entre categorizadores e a informação de gênero decorre na literatura em MD a ideia, por exemplo, de que a informação de gênero dos nomes está localizada exatamente no núcleo definidor de categoria nominal (LOWENSTAMM, 2008; KRAMER, 2015). Partindo desse raciocínio, na nossa análise, a relação entre a base adjetival feminina e as formações em *-mente* será derivada da ideia de que o categorizador adverbial, como fruto do processo de gramaticalização, ainda preserva algumas propriedades da sua origem nominal notadamente o traço de gênero feminino.

4.3. NOSSA PROPOSTA PARA AS FORMAÇÕES EM *-MENTE*

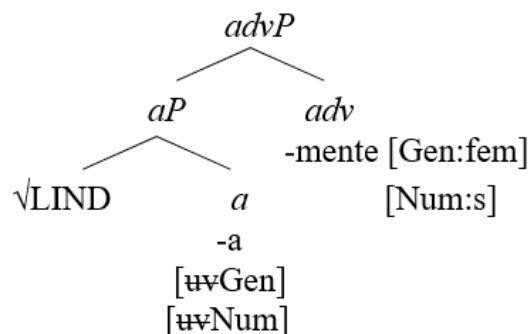
Algumas características dos advérbios *-mente* no PB devem ser retomadas antes de procedermos à nossa proposta. A primeira delas é que tais formas se apresentam como uma “única palavra”, já que *-mente* é uma forma presa. Assim, apesar de a forma fonológica do afixo ser idêntica ao substantivo *mente*, o sentido é diferente, pois os advérbios com essa marcação denotam um sentido geral semelhante ao sentido “de modo X”. Dessa forma, entendemos que se trata meramente de uma homofonia entre o substantivo e o afixo, o que descarta a necessidade de uma análise em termos de composição. Nossa proposta, então, não tratará *-mente* como um substantivo, mas como o expoente de um categorizador adverbial, já que, como discutimos nas seções anteriores, ele apresenta um comportamento próximo dos outros categorizadores da língua. Para dar conta das características que são mais comumente associadas à composição

recorremos às propriedades da estrutura sintática, como a altura de concatenação do categorizador, bem como a noção de fases no interior da estrutura da palavra (MARANTZ, 2001; MARANTZ, 2007; EMBICK 2010).

Além disso, é possível identificar na estrutura interna das formações adverbiais em *-mente* um elemento de natureza adjetival na forma feminina, o que, em nossa proposta, é derivado da seleção categorial realizada por *-mente*, além do traço de gênero desse categorizador. Além disso, as formas adverbiais em *-mente* são invariáveis, como todo advérbio, o que parece apontar para o fato de que o elemento *-mente* determina a categoria da formação. Dessa mesma forma, os adverbiais em *-mente* não podem ser usados em outra categoria que não a adverbial, ou seja, é impossível nominalizá-los, gerando algo como **O rapidamente*, por exemplo, o que parece evidenciar que, de fato, a forma *mente* em sua formação não é um substantivo, apesar de ser núcleo da formação.

Para capturar esse comportamento, propomos que o *-mente* é composto por traços característicos de categorias distintas, tanto da sua forma diacrônica original (substantivo) quanto da nova categoria (formador de advérbio). Na literatura, elementos desse tipo são conhecidos como categorias mistas ou projeções mistas (BRESNAN, 1997; ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005; PANAGIOTIDIS, 2015). As estruturas em *-mente* seriam, então, uma mescla de traços nominais e adverbiais. Isso explicaria por que, embora se comportem como advérbios, elas também carregam, por exemplo, traços de gênero, algo associado a nomes. A partir desse raciocínio, propomos a seguinte estrutura para os advérbios em *-mente* no PB:

(56)



Na estrutura em (56), *-mente* é a realização fonológica do categorizador adverbial, *adv*. Propomos que o categorizador selecione a forma já categorizada do adjetivo de base e promova uma recategorização da estrutura. Em termos de traços formais, assumimos que adjetivos são

caracterizados por não possuírem traços-φ inerentemente valorados, devendo adquiri-los na sintaxe, via *Agree*. Para tanto, seguimos a visão de *Agree* de Heinat (2005, 2006), segundo a qual todo *merge* externo desencadeia uma sonda para *Agree* na cadeia de c-comando do elemento em questão, seja ele um núcleo ou um sintagma (e desde que contenha traços não valorados na sua composição). Logo, o adjetivo sonda a estrutura para satisfazer seus traços, recebendo feminino¹³ e singular do categorizador adverbial. É interessante ressaltar ainda que, diferentemente do traço de gênero feminino, o traço de número singular poderia ser alternativamente tratado como não valorado em *-mente* e como uma forma *default* no adjetivo. A perda do traço de número dialoga de forma interessante com a abordagem de gramaticalização na qual o elemento teria perdido não somente seu estatuto lexical de nome, mas também parte de seus traços formais.

A razão para o adjetivo e *-mente* se comportarem como uma única palavra no PB pode ser explicada via movimento de núcleo. Sendo assim, a raiz se desloca para *a*, que, por sua vez, se desloca para *-mente*. Sendo mais precisos em relação às vogais temáticas, por comodidade, seguimos aqui uma abordagem nos moldes de Oltra-Massuet (1999) e Harris (1999), segundo a qual todos os núcleos funcionais, como os categorizadores, recebem pós-sintaticamente um núcleo de classe. Dessa forma, é apenas pós-sintaticamente, no momento de inserção de vocabulário, que a vogal temática /e/ é adicionada, resultando na forma *mente*. O elemento gerado a partir da estrutura em (56) é formalmente um advérbio, que, em seguida se concatenará, por exemplo, à estrutura verbal como um adjunto.

Nossa proposta, então, é que o processo de gramaticalização pode gerar categorias mistas, ou seja, que combinem traços de uma categoria com traços morfossintáticos de outra no mesmo núcleo sintático.

A estrutura que propomos naturalmente deriva as propriedades das formações adverbiais em *-mente* comumente associadas à derivação, tal como retomado do Capítulo 3 e sistematizado abaixo:

- a) O formador *-mente* seleciona bases adjetivais para se concatenar;

Explicação: *-mente* se anexa à forma adjetival já categorizada.

¹³ Ainda é necessário investigar mais aprofundadamente as relações de gênero em estruturas nas quais o adjetivo não apresenta um elemento local para realização do *Agree*, como nas formações de *small clause* ('A menina correu desajeitada'). Contudo, essa questão excede o escopo desta pesquisa e fica como questão de pesquisa para trabalhos futuros.

- b) O formador *-mente* altera a categoria da base adjetival com a qual se concatena tornando-a um advérbio;

Explicação: *-mente* é formalmente um categorizador sintático que projeta seu rótulo na estrutura sintática.

- c) Os advérbios em *-mente* herdam o complemento do adjetivo com o qual se concatenam;

Explicação: *-mente* se anexa após a formação do adjetivo, o que inclui a introdução dos argumentos da base, se for o caso.

- d) O formador *-mente* não pode ser usado de forma livre na língua com sentido adverbial;

Explicação: apesar de ser homófono com o substantivo “*mente*”, é um categorizador adverbial na língua, sendo, portanto, uma forma presa.

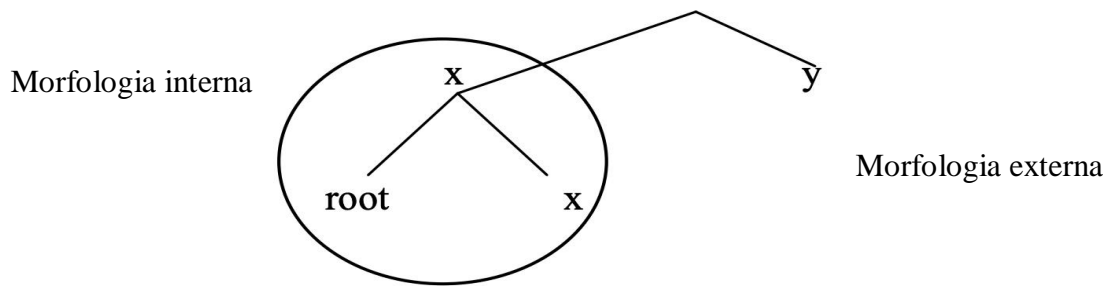
O desafio nesse ponto da análise é, por sua vez, derivar as propriedades que tais formações adverbiais apresentam, mas que são, em termos tradicionais, atreladas a uma estrutura de composição. Para tanto, recorreremos à noção de fase no interior da palavra, tal como delineado na próxima seção.

4.3.1. A NOÇÃO DE FASE NO DOMÍNIO DA PALAVRA

Seguindo a proposta minimalista de derivação sintática por fases como apresentada em Chomsky (2001), Marantz (2001, 2007) propõe que os núcleos atribuidores de categoria (como *n*, *v*, *a*) são também núcleos definidores de fases no domínio da palavra. Dessa forma, os categorizadores desencadeiam *Spell-out* da estrutura que será recebida posteriormente nos componentes fonológico e semântico.

Nessa perspectiva, os categorizadores definem domínios de localidade relevantes tanto em termos fonológico, como semânticos a partir da estrutura que é enviada para as interfaces. Mais especificamente, Marantz (2001, 2007) assume que existem dois tipos de domínios de localidade distintos para a interpretação fonológica e semântica, são eles: o domínio interno que, se define a partir da concatenação do primeiro núcleo categorizador à raiz, e o domínio externo, que inclui o material sintático anexado acima da estrutura já categorizada, como esquematizado abaixo:

(57)



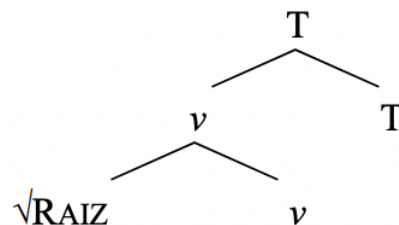
(Adaptado de MARANTZ, 2007, p. 5)

Na estrutura em (57), *x* e *y* representam os núcleos categorizadores que definem as fases da derivação. No domínio interno, formado após a concatenação da raiz com o núcleo *x*, a raiz ainda se mantém acessível ao categorizador. No domínio externo, por sua vez, após o envio da fase anterior para *Spell-out*, o categorizador *y* não possui mais acesso à raiz.

A consequência da proposta é que as idiosincrasias fonológicas e semânticas ficam restritas a ocorrer na primeira fase, ou seja, no domínio interno da formação de palavras. Uma vez definida a fonologia e semântica dos elementos que compõem a primeira fase, tais propriedades devem ser mantidas nas fases seguintes, já que o material presente na fase interna está inacessível para os elementos concatenados no domínio externo.

Na mesma linha, Embick (2010) investiga, a partir de uma abordagem localista de gramática, os limites contextuais para o licenciamento das alomorfas, apontando que o domínio de localidade proposto em Marantz (2001, 2007) necessita ser ampliado. Isso porque os nós sintáticos no chamado domínio externo também seriam capazes de interagir com a raiz para efeitos de alomorfia, como ilustrado abaixo em uma estrutura verbal:

(58)



(EMBICK, 2010, p. 31)

É um fato conhecido no inglês que a realização fonológica do núcleo T depende da raiz, tal como ilustrado abaixo nos itens de vocabulário para o tempo passado:

- (59) a. T[passado] \leftrightarrow -t / ____ { $\sqrt{\text{LEAVE}}$, $\sqrt{\text{BEND}}$,}
 b. T[passado] \leftrightarrow -Ø / ____ { $\sqrt{\text{HIT}}$, $\sqrt{\text{SING....}}$ }
 c. T[passado] \leftrightarrow -d

(EMBICK, 2010, p. 12)

A partir daí, Embick (2010) apresenta as seguintes generalizações:

1. Um núcleo x de fase anexado diretamente à raiz pode ser sensível às propriedades da raiz;
2. Um núcleo não fásico X no domínio externo pode ver a raiz mesmo que haja um núcleo de fase x interveniente, desde que x seja fonologicamente nulo;
3. Quando há dois núcleos de fase x e y em uma estrutura como $[[\sqrt{\text{RAIZ}} x] y]$, y não pode ver a raiz, mesmo que x seja nulo.

(Adaptado de EMBICK, 2010, p. 48)

A primeira generalização é semelhante ao proposto no sistema de Marantz (2001, 2007). A segunda generalização, por sua vez, dá conta de casos como em (59), em que o núcleo T não sendo um núcleo de fase, consegue ver a raiz apesar de ser anexado acima da primeira categorização. Finalmente, a terceira generalização aponta que um núcleo categorizador no domínio externo não pode ser sensível à raiz.

Na nossa estrutura propusemos que *-mente* é a realização fonológica do categorizador adverbial, portanto, um núcleo de fase. Além disso, tal elemento se anexa à estrutura já categorizada do adjetivo que serve de base para a formação. A partir do sistema proposto em Marantz (2001; 2007) e Embick (2010) a previsão é a de que, sendo um núcleo de fase anexado no domínio externo da estrutura, o categorizador *-mente* não seja capaz de interagir com a raiz para licenciamento de alomorfia, ainda que o categorizador adjetival na primeira fase seja fonologicamente nulo. Essa previsão é empiricamente atestada, uma vez que processos fonológicos comuns em formações derivacionais do PB, como a neutralização vocálica, por exemplo, não são desencadeados nas formações adverbiais:

- | | | | |
|------|---------------|--------------|-----------------------------------|
| (60) | a. b[ε]lo | b[e]leza | b[ε]lamente/ *b[e]lamente |
| | b. c[ε]rto | c[e]rteza | c[ε]rtamente/ *c[e]rtamente |
| | c. concr[ε]to | concr[e]tude | concr[ε]tamente/ *concr[e]tamente |

Esse mesmo raciocínio se mostra interessante para explicar as propriedades que as formações adverbiais apresentam, mas que são comumente relacionadas na literatura ao processo de composição, como sistematizado abaixo:

a) As formações em *-mente* apresentam dupla acentuação;

Explicação: Na nossa proposta, o adverbializador se anexa à forma completa do adjetivo, inclusive após a inserção da estrutura argumental da base¹⁴, se for o caso. Em uma abordagem em que a relação entre estrutura sintática e o envio de material para PF é realizada via fases, tal como proposto em Marantz (2001) e Embick (2010), o *Spell-Out* do adjetivo em um ciclo diferente daquele do adverbializador justificaria a atribuição dupla de acento dessa formação.

b) As formações em *-mente* apresentam uma palavra morfológica e duas palavras fonológicas;

Explicação: a palavra fonológica é, em termos tradicionais, definida com base no número de acentos tônicos na formação, enquanto a palavra morfológica é definida em termos de independência semântica das formas envolvidas. A presença de dois acentos caracteriza a presença de duas palavras fonológicas e, em termos formais, isso pode ser previsto a partir da estrutura sintática e, mais especificamente, do material que é enviado para *Spell-Out* em cada ciclo, como discutimos acima. No entanto, as formações em *-mente* se caracterizam como uma única palavra morfológica, uma vez que o adverbializador é uma forma presa e, portanto, não tem independência para se realizar livremente na língua, a não ser que suas propriedades de seleção e seus traços formais sejam satisfeitos.

c) A anexação de *-mente* não desencadeia alterações fonológicas na base;

Explicação: a impossibilidade de que *-mente* desencadeie alterações fonológicas na base é esperada a partir de um sistema, como o de Embick (2010), em que as interações alomórficas só são possíveis a partir de elementos que estejam linearmente adjacentes e ativos no mesmo ciclo de PF. Mais especificamente, na proposta de Embick (2010), se

¹⁴ Ressaltamos, que na nossa análise *-mente* toma como base um AP, incluindo toda estrutura sintática que acompanha o adjetivo. Contudo, pontuamos que devido à grande variedade de estruturas que acompanham o adjetivo, como argumentos, adjuntos, entre outros, reconhecemos que em um trabalho futuro será necessário verificar se as relações de localidade que licenciam *Agree* são preservadas em todas as estruturas.

dois núcleos de fase entram em uma estrutura, o segundo núcleo fásico (y) não pode ver a Raiz, mesmo que o primeiro núcleo cíclico (x) seja nulo. Essa é a exatamente a estrutura que propusemos para as formações adverbiais: $[[\sqrt{\text{RAI}Za}]adv]$. Dessa forma, o estatuto de categorizador do adverbializador, bem como sua altura de anexação após uma primeira camada de categorização adjetival torna previsível o fato de que *-mente* não possa interagir com a fonologia da raiz.

d) A forma *-mente* se superficializa após afixos de intensidade, como *-íssimo*, por exemplo.

Explicação: A linearidade entre *-mente* e o afixo *-íssimo* parece ser mais uma evidência de que adjetivos e advérbios não constituem uma única classe. Note que a inserção de *-mente* altera a categoria da estrutura para *adv*, de modo que ela deixa de ser compatível com a anexação de *-íssimo* que é, por sua vez, compatível com adjetivos. O fato de não ser possível anexar o afixo de superlativo à forma em *-mente* pode ser naturalmente explicado se tais formações não pertencem à categoria adjetival, mas a uma categoria distinta e independente, como propomos em nossa análise.

Uma vez discutido o conceito de fase e suas consequências a partir da nossa proposta, revisitamos, na próxima subseção, a natureza dos traços formais que compõem o categorizador adverbial a partir da noção de interpretabilidade.

4.3.2. TRAÇOS INTERPRETÁVEIS E NÃO INTERPRETÁVEIS

Pesetsky e Torrego (2007) propõem que a concordância envolve propriedades relativas a duas dimensões: valoração e interpretabilidade, que são, na visão dos autores, conceitos distintos um do outro e, portanto, não necessariamente correlacionados. Em termos de valoração, alguns traços viriam do léxico sem especificação, sendo valorados a partir de um traço já presente em outro elemento da estrutura sintática. Os autores ilustram, de modo mais geral, tal ideia a partir de dados do latim como em (61):

- | | | | | |
|------|----------------------------|-----------------------------|------------------------------|------------------------|
| (61) | a. Haec This-nom.fem.sg | puella girl-nom.fem.sg | Romana Roman-nom.fem.sg. | ambulat. walks-3.sg |
| | b. Hae These-nom.fem.pl | puellae girls-nom.fem.pl | Romanae Roman-nom.fem.pl. | ambulant. walk-3.pl |

(PESETSKY; TORREGO, 2007, p. 263)

De acordo com os autores, o fato de D, N e A em (61) possuírem o mesmo valor de gênero é dado através de uma especificação prévia em N. O traço de gênero de elementos como D e A, por sua vez, não estaria previamente valorado e, portanto, itens dessa natureza adquirem valoração através do processo de concordância. O mesmo raciocínio é colocado pelos autores para o traço de número, que seria valorado em N, mas não valorado em D e A.

Com relação ao conceito de interpretabilidade, os autores fazem uma distinção entre traços interpretáveis e não interpretáveis, a partir da contribuição semântica que um traço formal traz para a interpretação de um elemento na estrutura. Em (61a-b), por exemplo, os traços de pessoa e número no DP desempenham um papel crucial para a interpretação semântica, enquanto os traços correspondentes em V parecem não contribuir para o significado da formação, da mesma forma que ocorre com os traços de número em A.

No sistema de Chomsky (2000, 2001), *Agree* é justificado como mecanismo para excluir traços não interpretáveis por requerimento das interfaces, de modo que a interpretabilidade e a valoração são vistas de modo correlacionado: um traço é valorado, se ele é interpretável, da mesma forma que um traço é não valorado se ele é não interpretável. Assim, quando um traço não interpretável é valorado via *Agree*, ele deve ser deletado da derivação sintática.

Na proposta de Pesetsky e Torrego (2007), no entanto, o valor de um traço e sua interpretabilidade são propriedades independentes, resultando nas seguintes possibilidades de combinação:

- (62) a. μF_v : em que o traço F é não interpretável, mas valorado
 b. iF_v : em que o traço F interpretável e valorado
 c. $\mu F []$: em que traço F é não interpretável e não valorado
 d. $iF []$: em que o traço F é interpretável, mas não valorado

Segundo os autores, o sistema de Chomsky (2000, 2001) só prevê as combinações em (62b) e (62c), dada a correlação entre valoração e interpretabilidade. Apesar de rejeitar essa correlação estrita, Pesetsky e Torrego (2007) adotam a ideia de Chomsky (2000, 2001) de que *Agree* é licenciado a partir de uma sonda que necessariamente carrega um traço não valorado. A partir dessas discussões, em relação aos traços de gênero e número na formação dos advérbios, assumimos que os traços do categorizador adverbial são do tipo (62a), ou seja, eles são valorados, mas não interpretáveis, não trazendo consequências para a semântica da estrutura, mas podendo servir de alvo para o adjetivo. Por sua vez, os traços do adjetivo são do tipo (62c),

ou seja, os traços de gênero e número desse elemento são não valorados, devendo atuar como sonda para adquirir seu valor, além de serem não interpretáveis:

- (63) a. *-mente* (*adv*): $u\text{Gen}_{\text{FEM}}$; $u\text{Num}_{\text{SING}}$
 b. adjetivo (*a*): $u\text{Gen}[\]$; $u\text{Num}[\]$

Nesse sistema, a forma feminina do adjetivo é fruto do estabelecimento de *Agree* entre o traço valorado e não interpretável de gênero trazido pelo categorizador adverbial e o traço não valorado e não interpretável do adjetivo. Por sua vez, a presença desse traço nominal no categorizador adverbial é fruto do processo de gramaticalização pelo qual essa forma passou. Na passagem do latim para o PB (e demais línguas românicas), ele teria sido convertido de um substantivo pleno a um núcleo funcional, mais especificamente formador de advérbios. Porém, como o processo de gramaticalização é longo, esse núcleo ainda carrega algumas propriedades nominais, como o traço de gênero e número valorado. Além disso, nesse processo de gramaticalização, manteve-se o valor, mas se perdeu a interpretabilidade dos traços envolvidos, que passaram a ser não interpretáveis.

Finalmente, é preciso explicar o fato de que os traços de gênero e número trazidos pelo categorizador adverbial não são relevantes nos próximos passos da derivação sintática, ou seja, os advérbios não estão envolvidos em relação de concordância para além do estabelecido com a base adjetival. A esse respeito, levantamos a hipótese de que os traços não interpretáveis ainda que valorados devam ser eliminados da estrutura sintática, como no sistema de Chomsky (2000, 2001)¹⁵, de modo que os traços de gênero e número de *-mente* não são projetados na estrutura, diferentemente do traço categorial do advérbio. Desse modo, *-mente* apresenta simultaneamente características nominais (gênero e número) e adverbiais (traço categorial), configurando-se como uma categoria mista (ALEXIADOU, 2001; PANAGIOTIDIS e GROHMANN, 2005), conceito que discutimos na próxima seção.

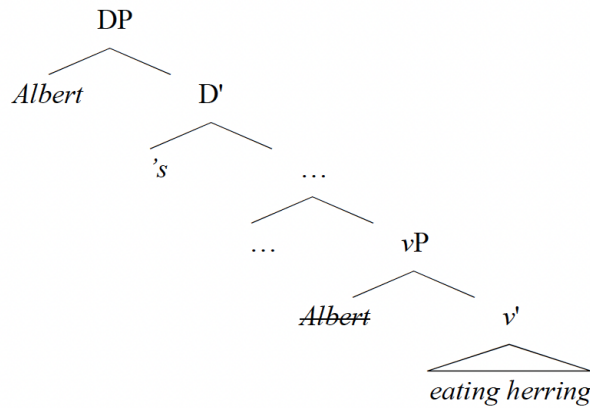
4.4. AS CATEGORIAS MISTAS: UMA VISÃO GERAL

Em linha gerais, as categorias mistas são caracterizadas por combinarem simultaneamente propriedades associadas a duas categorias gramaticais distintas, não

¹⁵ Diferentemente da proposta de Chomsky (2000, 2001), Pesetsky e Torrego (2007) reanalisam *Agree* como compartilhamento de traços.

apresentando uma uniformidade categorial. Um dos exemplos mais conhecidos na literatura a esse respeito são as nominalizações em *-ing* com possessivos do inglês.

- (64) a. [Albert's eating herring] annoyed the others.

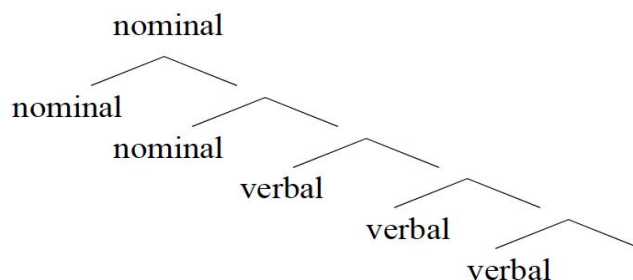


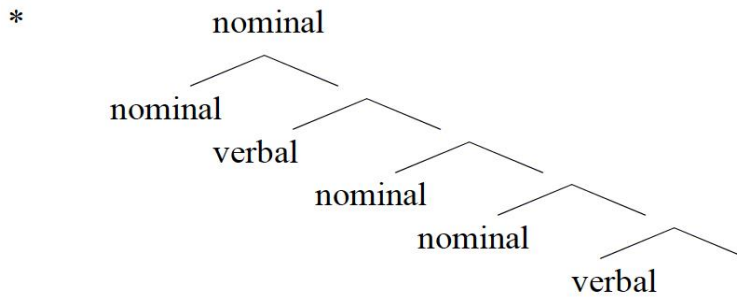
(Adaptado de PANAGIOTIDIS; GROHMANN, 2005, p. 145)

Embora haja, desde o final da década de 60, variação na literatura a respeito da abordagem formal mais adequada para as categorias mistas, há um consenso em torno da ideia empiricamente atestada de que as propriedades das categorias envolvidas nessas formações não se intercalam, de modo que as projeções mistas são segmentadas em duas subestruturas, cada uma delas categorialmente uniforme, o que ficou conhecido como *Coerência Frasal* (BRESNAN, 1997; MALOUF, 2000).

Em outras palavras, em uma formação que apresenta propriedades mistas entre nome e verbo, por exemplo, não é possível que haja projeções funcionais nominais e verbais se alternando na estrutura. Assim, há um ponto de ruptura na formação, no qual terminam as características verbais e se iniciam as nominais, como é ilustrado em (65a).

- (65) a. Projeção mista obedecendo a *Coerência Frasal*



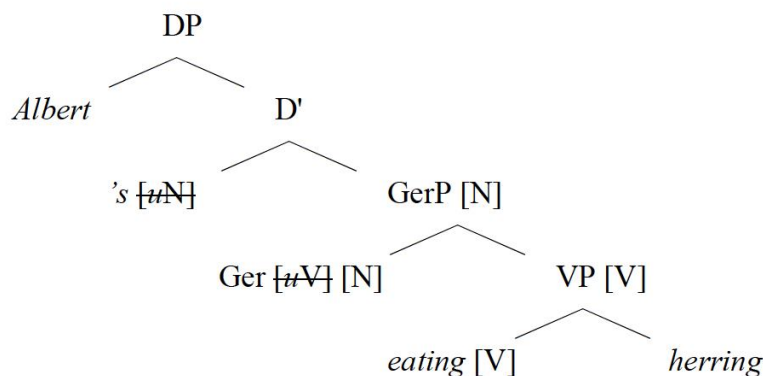
b. Projeção mista não obedecendo a *Coerência Frasal*

(PANAGIOTIDIS; GROHMANN, 2005, p. 138)

Com o intuito de derivar o funcionamento das categorias mistas, Panagiotidis e Grohmann (2005) propõem a existência de um núcleo funcional com propriedades categorialmente mistas, denominado pelos autores como *Switch*. Este núcleo é responsável por combinar as propriedades gramaticais de duas categorias distintas, produzindo consequentemente uma mescla de projeções na estrutura sintática. Mais especificamente, o *Switch* combina traços interpretáveis e não interpretáveis pertencentes a categorias distintas. Panagiotidis e Grohmann (2005) defendem ainda que os núcleos *Switches* sejam núcleos sintáticos com propriedades seletivas relevantes, não sendo apenas pontos de transição categorial na estrutura sintática.

Para ilustrar a proposta, os autores retomam o exemplo de nominalização com possessivo do inglês e propõem a seguinte estrutura:

(66)



(PANAGIOTIDIS; GROHMANN, 2005, p. 145)

Na estrutura acima, o núcleo *Switch*, representado por *Ger*, carrega ao mesmo tempo um traço verbal não interpretável [uV], que seleciona uma projeção verbal em seu complemento e um traço nominal interpretável [N], que licencia a entrada de projeções nominais acima dele.

O sistema que propusemos neste capítulo é, em princípio, compatível com essa ideia, uma vez que *-mente* apresenta traços não interpretáveis de natureza nominal, selecionando um adjetivo no seu complemento e um traço interpretável de categoria de natureza adverbial. No entanto, há incompatibilidades relevantes que precisam ser futuramente investigadas. Isso porque o *Switch*, na linha de Panagiotidis e Grohmann (2005), não é semelhante a um núcleo categorizador, diferentemente do que propomos na nossa estrutura. O núcleo *Switch* não é, por exemplo, capaz de categorizar diretamente uma estrutura, não podendo, por exemplo, se concatenar diretamente a uma raiz, o que não é uma restrição para nenhum categorizador nos moldes da MD. Além disso, o *Switch* não deve ser considerado um núcleo de fase, diferente das discussões que fizemos nas seções anteriores. Para além disso, seria desejável formalmente a construção de um sistema que não necessite tratar as projeções mistas como excepcionais, distinguindo-se a categorização via categorizador daquelas via *Switch*.

Na visão de Alexiadou (2001), por sua vez, as propriedades das construções que exibem um caráter misto são o resultado da associação de uma raiz acategorial a projeções categorias funcionais de natureza distintas em uma determinada hierarquia. Por exemplo, em formações nominalizadas como as em (64), há projeções de natureza verbal na base da formação dominadas por projeções de natureza nominal no topo da estrutura. Nessa perspectiva, os diferentes tipos de nominalizações seriam resultado, não da presença de um núcleo do tipo *Switch*, mas simplesmente da altura de anexação da primeira camada nominal. A perspectiva de Alexiadou (2001) é também compatível, em linhas gerais, com a nossa proposta. No entanto, o sistema da autora, diferentemente daquele de Panagiotidis e Grohmann (2005) não licencia traços de natureza distinta em uma mesma projeção, como propusemos para as formações adverbiais em *-mente*.

Finalmente, é interessante ressaltar que tradicionalmente as discussões sobre projeções mistas não incluem formações adverbiais. Dessa forma, considerando o limite de escopo desta pesquisa, uma discussão mais aprofundada para a definição do sistema formal mais adequado para derivar as chamadas projeções mistas fica como perspectiva futura aberta pela nossa proposta.

Na próxima seção, retornamos à estrutura proposta para os advérbios em *-mente* para discutir a análise à luz do fenômeno de gramaticalização.

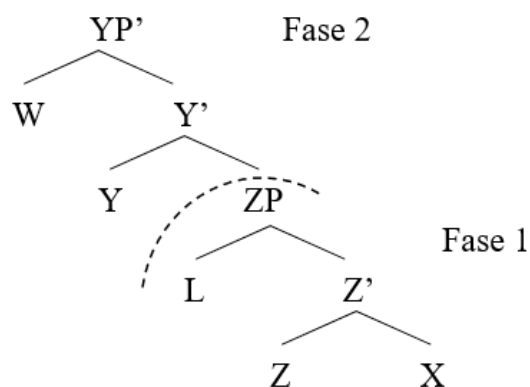
4.5. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO NOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* DO LATIM AO PB

Autores como Sedrins e Lima (2013) e Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo) analisam as formações adverbiais *-mente*, a partir da ideia de que tais elementos sofreram um processo de gramaticalização (HOPPER; TRAGOUTT, 2003) na passagem do latim ao português. Tais estudos dialogam de maneira interessante com a proposta que desenvolvemos neste trabalho.

Mais especificamente, Sedrins e Lima (2013) seguem o conceito de gramaticalização expresso por Hopper e Traugott (2003), assumindo que a gramaticalização é um processo gradual, no qual as propriedades mais lexicais, como a semântica conceitual de um elemento da língua, vão se perdendo e passam a operar de maneira mais funcional, caracterizando uma propriedade gramatical. Para tal análise, os autores tomam como ponto de partida o *corpus* constituído por Campos (2011), que contém dados do latim clássico e do latim medieval, verificando a possibilidade de diferentes combinações em termos de ordem linear entre o adjetivo e *mente*.

Segundo os autores, os dados apresentados em Campos (2011) apontam que, tanto no latim clássico, como no latim medieval, a ordem entre *mente* e adjetivo era mais maleável que a ordem fixa encontrada atualmente no português. A análise desenvolvida em Sedrins e Lima (2013), sob a perspectiva da MD, é a de que a ordem fixa para o item *mente* verificada hoje no português é resultado da perda de um traço [+F] dessa categoria, traço disponível no latim clássico. Além disso, os autores desenvolvem sua análise a partir de uma perspectiva de fase, tal como ilustrado abaixo, sendo Z e Y núcleos de fase.

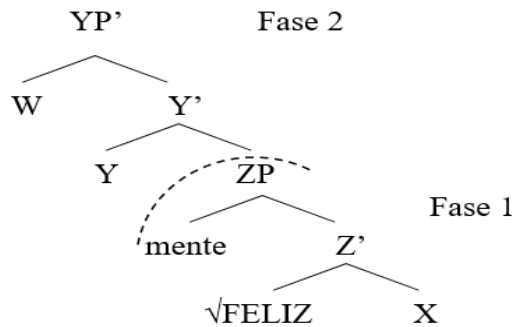
(67)



(Adaptado de SEDRINS; LIMA, 2013, p. 86)

Na estrutura hipotética em (67), X sofre *Spell-out* ainda na fase 1, visto que é complemento do núcleo Z. Já os núcleos Z e L ficam disponíveis para saturação na fase 2. Os autores apontam que a estrutura em (68) é adequada para representar a derivação de um advérbio em *-mente*, tal como formalizado a seguir:

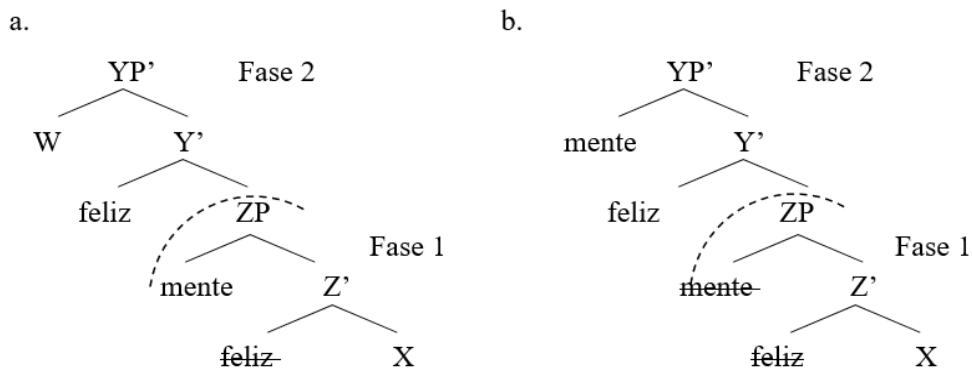
(68)



(Adaptado de SEDRINS; LIMA, 2013, p. 86)

Segundo os autores, a concatenação do adjetivo e da forma *mente* se daria em uma fase anterior à da formação do advérbio, na fase equivalente a ZP. Os autores assumem ainda que o adjetivo é obrigatoriamente alçado para a posição de núcleo Y, como apresentado em (69a) e que *mente* pode ser alçado para a posição W da fase mais alta, como (69b).

(69)



(Adaptado de SEDRINS; LIMA, 2013, p. 87)

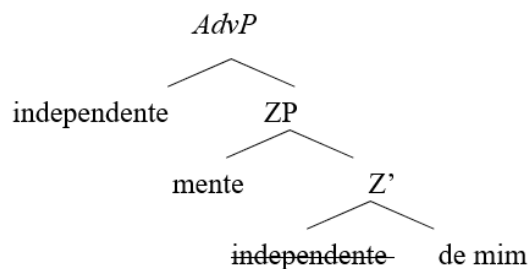
Os autores propõem que a estrutura em (69b) estaria disponível no latim clássico e medieval, em que a ordem com *mente* linearmente precedendo o adjetivo era verificada. Em relação à motivação do movimento proposto, Sedrins e Lima (2013) pontuam que o movimento

de *mente* para especificador de YP se dá devido a presença de um traço [+F] em *mente*, que desencadeia o movimento do elemento, nos mesmos moldes que o movimento do sujeito alçado para *Spec* de T, ou seja, um EPP (CHOMSKY, 2000). De acordo com os autores, a relação do adjetivo alçado para Y e *mente* no especificador dessa projeção explica a relação de concordância entre esses elementos.

Para explicar, então, a ordem fixa do PB, os autores então postulam que, durante o processo de gramaticalização do latim para o português, esse traço [+F] deixou de existir, logo *mente* não poderia mais ocupar a posição de *Spec* de YP. Sedrins e Lima (2013) propõem ainda que esse traço [+F] possuía uma natureza nominal, consequentemente perdida durante o processo de gramaticalização no qual a formação do PB assumiu uma posição linear mais rígida, somente aceitando a ordem adjetivo + *mente*.

Diante dos dados analisados do latim ao português, os autores apresentam a seguinte estrutura para os advérbios em *-mente* no PB.

(70)



(Adaptado de SEDRINS; LIMA, 2013, p. 88)

Sedrins e Lima (2013) ainda apontam que a estrutura proposta acomoda a estrutura argumental do adjetivo, preservando-a. Com relação à independência fonológica de *-mente* em relação ao adjetivo, os autores afirmam que devido ao fato de esses elementos estarem em fases distintas a independência fonológica é possibilitada.

A respeito da proposta dos autores, é interessante observar que a natureza do traço [F] não é propriamente explorada na análise desenvolvida. Além disso, a gramaticalização termina por se reduzir a essas duas derivações semelhantes, mas os processos que levaram à perda desse traço não são propriamente discutidos. Da mesma forma, *-mente* na estrutura em (70) chegou ao PB ocupando a posição de especificador de Z. Primeiramente, o estatuto de especificador, relacionado geralmente com projeções máximas e não núcleos, precisaria ser motivado formalmente. Além disso, nessa posição poderia se prever que *-mente* no PB teria alguma

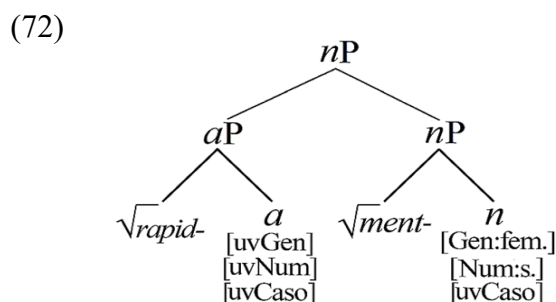
espécie de independência formal, o que não ocorre empiricamente. Em relação à categorização adverbial, na proposta dos autores, ela não é desempenhada por *-mente* propriamente dito, mas por uma camada posterior na estrutura sintática. A relação entre *-mente* e a natureza da camada acima dele também não é discutida.

Na mesma linha da existência de um processo de gramaticalização nas formações adverbiais, Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo), sistematizam três diferentes estágios de gramaticalização que se correlacionam a três diferentes estruturas para os adverbiais em *-mente*. A ideia é que as três estruturas coexistiram em latim, mas somente a terceira delas chegou ao PB. Para tanto, os autores partem da observação de Bauer (2010) de que as estruturas com *mente* em latim não eram uniformes, mas podiam ser caracterizadas em três tipos: (a) de uso lexical; (b) de uso misto, lexical/adverbial e (c) de uso puramente adverbial. No uso lexical (71a), o substantivo era usado com o sentido puro de “mente”, “raciocínio” ou “estado mental”. Em um segundo momento, porém, começaram a surgir usos como visto em (71b), que parecem ligeiramente ambíguos entre estado mental e modo da ação.

- (71) a. Uso lexical da estrutura *X-mente* em latim
Sed mente simplicissima et uera fide comites induxisse. (Petrônio, *Satiricon*, 101.3)
 “Mas os fez companheiros, simplicissimamente e com boa fé.”
 (= com uma mentalidade simples, com um estado mental de simplicidade)
- b. Uso misto - lexical/adverbial da estrutura *X-mente* em latim
Timida circumspecte mente. (Ovídio, *Tristes*, 1.1.87)
 “Olhe em volta timidamente”.
 (= com um estado mental de timidez ou com um comportamento de timidez)

(GONÇALVES, AGRELLI E ARMELIN, no prelo)

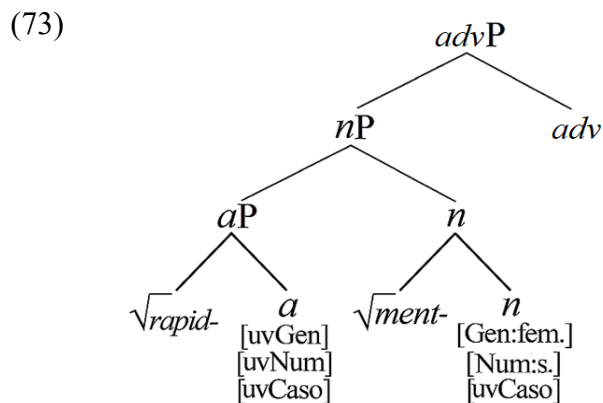
Para dar conta do uso lexical, os autores partem do pressuposto de que ela era simplesmente um sintagma comum de adjetivo + substantivo. Assim, sua derivação, de maneira simplificada, seria como a seguir:



(GONÇALVES, AGRELLI E ARMELIN, no prelo)

A estrutura acima representa a derivação de um sintagma nominal complexo, que contém um substantivo e um adjetivo. A raiz *ment-* se concatena a um categorizador nominal, *n*, adquirindo o estatuto de substantivo. O substantivo possui traços-φ valorados e traço de Caso não valorado, conforme a proposta de Chomsky (2001), enquanto o adjetivo, por sua vez, possui traços-φ não valorados¹⁶. O substantivo *mens* é feminino, portanto, vem valorado como [fem]. Além disso, nessa construção, ele sempre se realiza no singular, por isso os autores propõem que [Num] vem valorado como [s].

Já a derivação proposta pelos autores para o chamado uso misto nos estágios propostos por Bauer (2010), segue representada a seguir:



(GONÇALVES, AGRELLI E ARMELIN, no prelo)

Basicamente, o que mudou de (72) para (73) foi a relação entre *mente* e o adjetivo, que agora é seu argumento, e a natureza formal dessa estrutura enquanto um advérbio. Os traços presentes nas duas derivações ainda são os mesmos e são valorados da mesma maneira, já que a relação de c-comando foi preservada. A presença do categorizador *adv*, porém, causa uma mudança significativa na maneira como essa formação é interpretada; uma vez que não há advérbios “de mente”, é preciso reinterpretar o elemento de base como algo adverbial, sendo a leitura de modo a mais compatível com a ideia de uma predisposição mental. Todavia, como o substantivo *mente* continua presente na estrutura, ele contribui para o sentido, daí a ambiguidade vista nesse uso misto.

No terceiro estágio de gramaticalização, por sua vez, não há mais o substantivo *mente* na estrutura, mas apenas o advérbio. Em outras palavras, à medida em que o processo de

¹⁶ Chomsky (1999) sugere que há dois diferentes mecanismos responsáveis pela concordância: *Agree* no nível da sentença e *Concord* no nível do DP. Na linha de Magalhães (2004), estamos assumindo somente o primeiro mecanismo.

gramaticalização evoluiu, perdeu-se a associação entre *mente* substantivo e *mente* foi reanalisado como advérbio. Como resultado, surgiu um novo item funcional na língua, um categorizador adverbial cuja realização fonológica é *mente*, dissociado sincronicamente do substantivo que diacronicamente lhe deu origem. Dessa forma, a proposta de *-mente* como um categorizador adverbial, que, no entanto, preserva traços nominais de sua origem lexical tem como vantagem abrir um interessante diálogo com o processo de gramaticalização das formações adverbiais.

4.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo desenvolvemos uma análise sintática para as formações adverbiais em *-mente* no PB. Para tanto, retomamos as discussões dos capítulos anteriores a respeito do estatuto categorial dos advérbios e da natureza formal do elemento *-mente*.

Em linhas gerais, propusemos que os advérbios em *-mente* são instâncias de uma categoria única e independente e que *-mente* deve ser analisado como a realização fonológica do categorizador adverbial. As peculiaridades da formação são explicadas a partir da ideia de que esse categorizador ainda preserva algumas propriedades da sua origem lexical, notadamente traços de gênero (feminino) e número (singular), com os quais o adjetivo de base faz concordância. A partir daí retomamos dois conceitos importantes para a implementação do sistema proposto: a noção de fase e a discussão a respeito de valoração e interpretabilidade dos traços formais.

Em relação à noção de fase, *-mente* se anexa à estrutura já categorizada do adjetivo que serve de base para a formação. A partir do sistema proposto em Marantz (2001; 2007) e Embick (2010) a previsão é a de que, sendo um núcleo de fase anexado no domínio externo da estrutura, o categorizador *-mente* não é capaz de interagir com a raiz para licenciamento de alomorfia, ainda que o categorizador adjetival na primeira fase seja fonologicamente nulo. Além disso, a teoria de fases prevê de modo adequado diversas propriedades no comportamento fonológico de *-mente* notadas pela literatura como comportamento característico de composto.

Já em relação à valoração e interpretabilidade dos traços, propusemos uma dissociação entre tais noções na linha de Pesetsky e Torrego (2007). Mais especificamente, levantamos a hipótese de que os traços de gênero e número do categorizador adverbial são valorados, mas não interpretáveis, enquanto os traços do adjetivo são não valorados e não interpretáveis.

Uma vez que *-mente* apresenta, no nosso sistema, simultaneamente características nominais e adverbiais discutimos brevemente a ideia de projeção mista a partir de Panagiotidis

e Grohmann (2005) e Alexiadou (2001), ambas apresentando incompatibilidades com nossa proposta. Crucialmente, o núcleo *Switch* de Panagiotidis e Grohmann (2005) não deve ser considerado um núcleo de fase, diferentemente da proposta que fizemos para *-mente*. Já a proposta de Alexiadou (2001) não é capaz de licenciar traços de natureza distinta em uma mesma projeção, como propusemos para as formações adverbiais em *-mente*.

Finalmente, retomando a ideia de um processo de gramaticalização nas formações em *-mente*, contextualizamos a nossa proposta a partir do trabalho de Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo), que sistematizam três diferentes estágios de gramaticalização que, por sua vez, se correlacionam a três diferentes estruturas para os adverbais em *-mente*, sendo que somente a terceira estrutura chegou ao PB. Mais especificamente, a primeira estrutura corresponde a um sintagma em que um adjetivo atua como modificador do nome *mente*. Na segunda, por sua vez, o adjetivo se torna argumento do nome e a estrutura é recategorizada como advérbio. Finalmente, no terceiro estágio, não há mais o substantivo *mente* na estrutura, sendo que tal elemento é reanalisado como a realização fonológica do categorizador adverbial.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo a investigação do estatuto categorial e da estrutura interna das formações *-mente* no PB. Para tanto, tomamos como quadro teórico a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), modelo que se desenvolve a partir de um viés sintático de formação de palavras.

Na discussão do estatuto categorial dos advérbios apresentamos algumas propostas, como a de Lemle (1984) e Lee (1999), que apontam semelhanças entre os advérbios e a classe das preposições. A esse respeito, propomos que, embora os advérbios possam de fato ocorrer em ambientes sintáticos semelhantes ao das preposições, esse argumento não determina, necessariamente, que tais elementos façam parte da mesma categoria. Da mesma forma, não é difícil encontrar exemplos em que a alternância entre PPs e advérbios em *-mente* é limitada ou altera substancialmente o significado da formação. Finalmente, é importante pontuar que a análise de uma preposição implícita nas formações adverbiais ainda necessitaria ser ancorada em uma discussão a respeito do estatuto do formador *-mente*, cuja natureza continua sem resposta em uma análise dessa perspectiva.

Ainda na linha que analisa os advérbios como subclasse de outras categorias, discutimos propostas como a de Bomfim (1988), que aponta que os advérbios locativos e temporais que funcionam como dêiticos no PB apresentam propriedades sintáticas semelhantes à classe dos pronomes. No entanto, os advérbios em *-mente*, para além de não terem natureza dêitica, também não se comportam categorialmente como elementos nominais e, portanto, não são licenciados em posições comumente ocupadas por elementos nominais, como posições argumentais, por exemplo.

As discussões que, por sua vez, defendem a abordagem de advérbios como subcategoria ligada aos adjetivos são baseadas em semelhanças sintáticas, morfológicas e semânticas entre as duas classes, como a proposta de Baker (2003). Na nossa argumentação, apontamos que, contrariamente ao esperado, se adjetivos e advérbios fossem a mesma classe, os advérbios deveriam ser tomados como base para a anexação em *-mente*, o que não é o caso. Além disso, em contextos tipicamente adjetivais, como em construções copulares, por exemplo, os advérbios em *-mente* não são licenciados, o que parece ser um argumento contrário à ideia de que se trata de elementos da mesma categoria. Finalmente, se advérbios e adjetivos fossem instâncias de uma mesma classe, era de se esperar que os advérbios, como os adjetivos, pudessem ser licenciados em contextos de nominalização, o que também não ocorre.

A partir dos problemas que emergem quando os advérbios em *-mente* são tratados como subclasse de outras categorias, propomos que tais formações constituem uma classe independente.

Outra controvérsia relevante na literatura com relação aos advérbios em *-mente* é o processo de formação de palavras responsável por formar tais elementos, se via composição ou derivação. Embora derivação e composição sejam tradicionalmente vistas como processos distintos de formação de palavras, as fronteiras entre tais processos nem sempre são claras. Nesse sentido, os advérbios em *-mente* são um exemplo bastante conhecido de que algumas formações podem apresentar um comportamento ambíguo entre as propriedades comumente atribuídas à composição e à derivação, o que acaba por gerar análises distintas a depender das propriedades empíricas que são privilegiadas na descrição de cada autor.

A partir da sistematização de Gonçalves e Andrade (2016), bem como a partir da literatura que se debruçou especificamente sobre o comportamento empírico das formações em *-mente* (ZAGONA, 1990; VARELA ORTEGA, 1990; PIERA; VARELA, 1999), propomos que tais formações apresentam majoritariamente propriedades de derivação. Dessa forma, nos moldes da MD, propomos que *-mente* é, na verdade, a realização fonológica de um núcleo categorizador (*adv*). As propriedades de *-mente* relacionadas ao processo de composição são, por sua vez, derivadas a partir da altura de anexação do *-mente* na estrutura sintática e da proposta de fases no interior das palavras (MARANTZ, 2001; MARANTZ, 2007; EMBICK 2010). Dessa forma, propomos que *-mente*, sendo um categorizador, introduza um segundo núcleo cíclico para além da camada de categorização do adjetivo.

Alinhados com Gonçalves, Agrelli e Armelin (no prelo), a presença de uma base adjetival feminina nas formações em *-mente* é explicada em nossa proposta, a partir da ideia de que tal formador carrega traços nominais de gênero (feminino) e número (singular), advindos de sua origem latina. Tais traços servem como alvo para a valoração dos traços do adjetivo na estrutura sintática.

Já a respeito da interpretabilidade de traços, propomos, na linha de Pesetsky e Torrego (2007), que valoração e interpretabilidade são conceitos distintos. Mais especificamente, levantamos a hipótese de que os traços de gênero e número do categorizador adverbial são valorados, mas não interpretáveis, enquanto os traços do adjetivo são não valorados e não interpretáveis. A ideia de que traços não interpretáveis não eliminados da derivação sintática (CHOMSKY, 2001) nos serviu de base para explicar o fato de que os traços de gênero e número de *-mente* não são projetados na estrutura sintática.

Finalmente, sobre o estatuto misto do categorizador adverbial que carrega ao mesmo tempo traços de natureza nominal (gênero e número) e o traço de categoria adverbial, revisitamos brevemente a ideia de projeção mista a partir de Panagiotidis e Grohmann (2005) e Alexiadou (2001), ambas apresentando incompatibilidades com nossa proposta. Crucialmente, o núcleo *Switch* de Panagiotidis e Grohmann (2005) não deve ser considerado um núcleo de fase, diferentemente da proposta que fizemos para *-mente*. Já a proposta de Alexiadou (2001) não é capaz de licenciar traços de natureza distinta em uma mesma projeção, como propusemos para as formações adverbiais em *-mente*. Considerando que tradicionalmente as discussões sobre projeções mistas não incluem formações adverbiais, uma discussão mais aprofundada para a definição do sistema formal mais adequado para derivar as chamadas projeções mistas fica como perspectiva futura aberta pela nossa proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, C. da C. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje*, v.45, n. 1, p. 5-15, 2010.
- ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2004.
- ALEXIADOU, A. Adverb placement: a case study in antisymmetric syntax. *Linguistik Aktuell*, vol. 18, 1997.
- ALEXIADOU, A. *Functional structure in nominals*. John Benjamins, 2001.
- ARAD, M. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 21, n. 4, p. 737-778, 2003.
- ARAD, M. *Roots and patterns: Hebrew morpho-syntax*. Studies in Natural Language and Linguistic Theory. Amsterdam: Springer, 2005.
- BAKER, M. *Lexical categories. verbs, nouns, and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8ed. São Paulo: Ática, 2007 [1987].
- BAUER, B. L. Forerunners of Romance -mente adverbs in Latin prose and poetry. In: DICKEY, E; CHAHOUD, A. (eds.) *Colloquial and literary Latin*, p. 339-353. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ed. rev. amp. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BLÜHDORN, H.; SIMÕES, L.; SCHMALTZ, M. Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis no alemão e no português brasileiro. In: BATTAGLIA, M; NOMURA, Masa (Org.). *Estudos linguísticos contrastivos em alemão e português*. São Paulo: Annablume, p. 41-82, 2008.
- BRESNAN, J. Mixed categories as head sharing constructions. *Proceedings of the LFG97 Conference*, p. 1-17, 1997.
- BOMFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- BYBEE, Joan L. 1985. *Morphology: a study of the relation between form and meaning*. Amsterdam: Benjamins.
- CÂMARA, JR. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 30ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999 [1970].
- CAMPOS, J. L. A origem latina dos advérbios em -mente: um processo de gramaticalização. *Guavira Letras*, v. 13, n. 1, p. 109-123, 2011.

- CINQUE, G. Adverbs and Functional heads: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; P. ROSENBAUM (Eds). Readings in English Transformational Grammar, Waltham, Massachusetts: Ginn and Company, 1970.
- CHOMSKY, N. Lectures on Government and binding. Cambridge, MA: MIT Press 1981.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, v. 18, 1999.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS D.; URIAGUERREKA, J. (Eds.). Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89-155.
- CHOMSKY, Noam. Beyond explanatory adequacy. MIT Cambridge, 2001.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DÉCHAINED, R.M. A estrutura interna do vP em Plains Cree. Anais do Oitavo Workshop sobre a Estrutura e o Grupo Constituinte das Línguas das Américas. Vancouver: Universidade da Colúmbia Britânica, 2003.
- DIXON, R. M.W. Adjective classes in typological perspective. In Dixon R. M.W. & A. A. Aikhenvald (eds.) Adjective classes: a cross-linguistic typology. Oxford: Oxford University Press. 1–49, 2004.
- EMBICK, D. Features, syntax, and categories in the Latin Perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass, v. 31, n.2, 185-230, 1 sem. 2000.
- EMBICK, D. & HALLE, M. On the status of stems in morphological theory. In Romance Languages and Linguistic Theory 2003, ed. by Twan Geerts, Ivo van Ginneken, and Haike Jacobs. Amsterdam: John Benjamins, p. 59–88, 2005.
- EMBICK, D. Localism versus globalism in morphology and phonology. Cambridge, MA: The MIT Press, 2010.
- EMONDS, J. A Transformational Approach to English Syntax: Root, Structure- Preserving and Local Transformations. New York: Academic Press, 1976
- EMONDS, J. A Unified Theory of Syntactic Categories. Dordrecht: Foris, 1985.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA*, São Paulo, 32 (2), 261-294, 2016.
- GROHMANN, K. K. Prolific Domains: On the Anti-Locality of Movement Dependencies. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

- HALLE, M; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALLE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvian Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.
- HALLE, Morris. Distributed Morphology: impoverishment and fission. In: BRUENING, Benjamin; KANG, Yoonjung; MCGINNIS, Martha (ed.). *MIT Working Papers in Linguistics: PF: papers at the Interface*, n. 30, p. 425–449, Cambridge, MA: The MIT Press, 1997.
- HARRIS, J. W. Nasal depalatalization no, morphological well-formedness sí: the structure of Spanish word classes. In: LIN, V.; KRAUSE, C., BRUENING, B.; ARREGI, K. (ed.). *MIT Working Papers in Linguistics: papers in Morphology and Syntax, Cycle Two*. Cambridge, MA: The MIT Press, n. 34, p. 47–82, 1999.
- HEINAT, F. Why phrases probe. *The Department of English in Lund: Working Papers in Linguistics*, v. 5, p. 33-63, 2005.
- HEINAT, F. Probes, pronouns, and binding in the minimalist program. *The Department of English in Lund: Working Papers in Linguistics*, v. 6, p. 19-37, 2006.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 2003.
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a Posição dos Advérbios, in A. T. Castilho, (org.), *Gramática do Português Falado –Vol. I: A ordem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 53-120, 1989.
- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1972.
- JACKENDOFF, R. Restrições em regras de estrutura de frase. Em Peter W. Culicover, Thomas Wasow & Adrian Akmajian (eds.), *Sintaxe formal*. Nova York: Academic Press, 1977, p. 249-283.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids. In: R. W. McConchie et al.(eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, pp. 1-13.
- KOVACCI, O. El adverbio. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 705-786.
- KRAMER, R. *The morphosyntax of gender*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- LEE, D. Intransitive prepositions: Are they viable? In Peter Collins and David Lee (Ed.), *The Clause in English* 1st ed. (pp. 133-147) Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

- LEUNG, Renata Takllan Frauches. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- LIMA, R. B. de. Algumas notas acerca do comportamento sintático dos advérbios focalizadores no PB: uma análise sintático-semântica. In: MOURA, D. Os desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL p. 451-453, 2008.
- LIMA, R. B. Características morfossintáticas dos advérbios no português brasileiro. Tese de Doutorado em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.
- LOBATO, L.M.P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília.
- LOBATO, L.M.P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística, in VOTRE, S. e RONCARATI, C. (orgs). Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- LOWENSTAMM, J. On little n, $\sqrt{\text{ }}$, and types of nouns. In: HARTMANN, Jutta M.; HEGEDUS, Veronika.; van RIEMSDIJK, Henk (ed.). Sounds of silence: empty elements in syntax and phonology. Amsterdam: Elsevier, 2008, p. 105–144.
- MACAMBIRA, J.R. A Estrutura Morfossintática do Português: aplicação do estruturalismo linguístico. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- MAGALHÃES, Telma. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 20, p. 149-170, 2004.
- MALOUF, R. P. Mixed Categories in the Hierarchical Lexicon. Stanford, CA: CSLI Publications, 2000.
- MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRADIS, A.; SIEGEL, L. SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS (eds.). Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, p. 201- 225, 1997.
- MARANTZ, A. Words and things. Manuscrito, Massachusetts Institute of Technology e New York University, 2001.
- MARANTZ, A. Phases and words. In: CHOE, Sook-Hee (org.). Phases in the theory of grammar. Seul: Dong In, 2007, p. 196-226.
- MILLER, P.H. Edge inflection on the French NP. Souza Cruz. CA: University of California. Syntax Research, 1991, p. 91-3.

- MILLER, P.H. Clitics and constituents in Phrase Structure Grammar. New York: Garland, 1992.
- NEVIS, J. A. Finnish particle clitics and general clitic theory. Unpublished doctoral thesis, Ohio State University, 1985.
- OLTRA-MASSUET, M. I. On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology. PhD dissertation, MIT, Cambridge, Mass., 1999.
- PANAGIOTIDIS, E. P. Categorical features: a generative theory of word class categories. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- PANAGIOTIDIS, E. P.; GROHMANN, K. Mixed projections: Categorical Switches and Prolific Domains. *Linguistic Analysis*, v. 35, n. 1, p. 141-161, 2005.
- PAYNE, J.; HUDDLESTON, R.; PULLUM, G. K. The distribution and category status of adjectives and adverbs. *Word Structure*, v. 3, n. 1, p. 31-81, 2010.
- PESETSKY, D.; TORREGO, E. The syntax of valuation and interpretability of features. In: KARIMI, S. et al. (Ed.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, p. 262-294, 2007.
- PIERA, C. & VARELA, S. Relaciones entre morfología y sintaxis. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*, p. 4367- 4426, 1999.
- PLAG, Ingo *Word-formation in English* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- RADFORD, A. *Transformational grammar: a first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- ROBERTS, I. & ROUSSOU, A. A formal approach to 'grammaticalization'. *Linguistics*, v. 37, n. 6, 1999.
- SAPORTA, S. The status of Spanish forms in -mente. *Hispanic Linguistics* 4, p. 181- 183, 1990.
- SEDRINS, A. P. & LIMA, R. B. A formação de advérbios terminados em -mente no latim e no português. *Cadernos do NEMP*, n. 4, v. 1, p. 77-91, 2013.
- TEIXEIRA, Z. D. Propriedades sintáticas e semânticas dos advérbios no Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2015.
- TORNER, S. On the morphological nature of Spanish adverbs ending in –mente. *Probus*. 17. p. 115-114, 2005.
- VARELA ORTEGA, S. *Fundamentos de Morfología*. Madrid: Editorial Síntesis, 1990.
- ZAGONA, K. T. Mente adverbs, compounding interpretation and the projection principle. *Probus* 2. p. 1-30, 1990.
- ZWICKY, A. M. Suppressing the Zs. *Journal of Linguistics* 23, p. 133-148, 1987.